

DESCRICAÇÃO DO

— I —

Harto temor, ó Gênio, naveguado,
Baldei, em tanto mar, de um só amparo!
Pávidos hemos sóis pols velejado.
Perdidos quase em pego tanto ávaro!
La bruxoleia o porto cubicado;
Leva-me ao surgiadouro manso, e claro;
Dá-me descanso da fadiga intensa,
Após viagem no trabalho imenso.

— II —

Não corro porfícos ao surgiadouro
Pra repousar em leitos preguiçosos,
Para fruir contente, a però d'ouro,
Baldeina de prazeres deleitosos;
Melhor vale um suado, honroso loura,
Prémio de meus trabalhos numerosos;
Mas essa árvore pra erguer-se ativa, e forte,
Só pega, e cresce sobre o chão da morte!

— III —

Mas ahi que feito este improbo trabalho
(Oh! saibam do futuro os Escritores!)
Poi sob um céu de bronze sem orvalho,
Sobre arneiro sem frutos, e sem flores!
Em meu Sennara, sem agazalho,
Sem linda, refrigerio aos meus ardores,
No fundo de um deserto inconveravel,
Meu Estro pareceu desamoravel!

— IV —

Nesse ermo eternos fiquem, se é possível
O meu nome, e meus feitos ignorados...
Cresça, cegue-se o loura imarcescível
Pra os gênios pelos céus favoneados,
Que da do zólio boca defective!
Picam assim meus feitos libertados!
Ja melhor deu-me Deus: sobra-me a vida,
Que deixo nos meus filhos tranamida.

— V —

Nada sou: nada quero, e nada tenho;
Não me pungem remorsos do passado,
Não me liga o presente um só empenho;
E nem pelo porvir vivo assustado:
A pedir-vos, meu Deus, bem pouco venho:
Só um resto de vida descansado.
No campo, onde o prazer sorri jucundo,
Longo os convícios do ignaro mundo!

— VI —

Certo que eu o terel. Contrário Fado,
Não nullificaria quanto apetço.
Dormir há de o meu corpo asssegado
No leito à que, ó Virtude, das apercções!
Ora não de ilusões vivo engolifado;
Pois meus destinos por demais conheço;
Hei de um sono dormir d'eterna dura
Sob a campa de humilde sepultura!

— VII —

Mas esse sono já sem fim, sem morte
Não terá, nem de leve, perturbado,
Que do lerox tirano ao brado forte
Não se acorda o cadáver separadão!
Antes, antes seu sono, o dura Morte,
Antes o leito seu férreo, e gelado.
Qu'o hospital de Cambé! tão miseravel!
Ou qu'o cárcele de Tassa! dep'oravel!...

— VIII —

Mas não, Musa do ciu, não desanimes,
Que não serão teus cantos repelidos:
Quando estes feitos não julgarem crimes
Cidâos no passado agradecidos.
E forem daste feito heróis sublimes
No porvir, d'invejosoos protegidos;
Serão por Brasileiros ilustrados
Meus Hinos patrióticos cantados!...

— IX —

Em honra deste século milagroso
Baldei a gente porvir que não atrevo;
Compremetei meu estro assim medroso
Em favor do presente não me atrevo;
Suz, despreze meus cantos orgulhosos,
Vingue-se assim do apreço, que lhe devo,
Por que é nem um. Em Deus poi confiado
Para o futuro só canto o passado!

— X —

Cândido, verdadeiro, franco, e liso,
Entrego hoje os meus cantos ao futuro,
Ali mais que o do presente o seu Juizo
Imparcial sera, sera mais puro;
Lá insuetos pelas não deviso,
Por isto apelo para la seguro,
Em mim d'encômias vãos hão há cabida
Eu só quero, ó Porvir, de vós justiça.

— XI —

Mas tu, Anjo celeste da Poesia,
Da Glória maior astropoente,
Dá-me inda o teu favor, dá-me energia,
Para acabar meu canto sellamente!

Quem a tanto som forças se atrevia
Vai nos auspícios teus firmes de ardente!
Ela que inda nos resta um campo largo,
Sígamos nosso Herói no seu letargo.

— XII —

Neste arroubo feliz viu de repente
Que toda a natureza se mudava!
Raio d'etérea luz resplandecente
Na amplidão d'universo tremulava!
Cobriu-se o céu de um brilho resplendente
Em mar de lus soberba a terra ariava;
Supremo a etérea plaga esclarecida
Luz tão fulgente, com a luz do dia!

— XIII —

Para sobre ele ento no mesmo instante,
Uma sombra: ele a encara: sobranceira
Depara co'uma nuvem, que brillante,
Sobre ele lá os céus desce fronteira:
Dos céus à terra brilho fulgurante
Nos ares a diafana lumieira;
Regrange a luz a cor verde e amarela
Da nuvem, que a seu lado polou beira!

— XIV —

Regia o voo à nuvem resplidente
Belo, na candidez, manebo louro;
Alva a ter do que a luz mais reluzente,
Olhos da cor dos céus, cabecos d'ouro!
Tem riso angelical, e vista urente,
A boca de rubins era um tesouro!
Asas d'ouro, e esmeralda longo estende,
Nivea clamide ao corpo esbelto prende!

— XV —

Em frente a Pedro com divino porte
Para ativo, e o contempla face, a face,
Pedro
"Quem da tu?"

O anjo

— Sou quem vela sobre a sorte
Deste povo feliz, que ora renasce:
Com ele firme, indesatável, forte
O eterno me uniu num doce enlace;
Veo pois deste Povo sobre o lado.
E Anjo do Brasil eu sou chamado!

— XVI —

— Ela sobe esta nuvem; vem comigo,
Que esta dita suprema hoje alcançaste;
Vem, Herói, que mostra-te querido amigo
Este paiz que livre proclamaste!
Nesta nuvem depois irei contigo
Lá onde nem clamando penetrarás;
Lugar só franco a espíritos divinos.
O alcaçar dum anjo, o dos Destinos.

— XVII —

Dice: e Pedro a grimpou veloz de ardente,
Em a força celeste se amparando;
A nuvem se remonta de repente
Té um ponto, onde após ficou parando.
Sobre os olhos de Pedro docemente
O anjo os brandos dedos perpassando,
A visão lhe prolonga, e repetindo
Vê o Herói, qual se fosse ente divinal!

— XVIII —

Arfando sobre o solo Brasileiro
Penetrava-se a nuvem pelos ares;
E o Herói neste arroubo prazenteiro
Simultâneo atendia a mil lugares.

Anjo

— Aqui tens o Brasil o Império inteiro!
Seus bosques, serras, prados, rios, mares;
Aí tens! Contempla agora a imensidão
Desta terra a qual deseja a Liberdade!

— XIX —

— Ai tens o Grão-Pará! Quanta riqueza
Esconde em seus desertos numerosos!
Amante dessa gleba a Natureza,
Dooi-lhe quantos dons tinha pomposos!
Contempla o Amazonas que grandeza,
Rei de tantos vassalos orgulhosos!
Vê, como audaz dos rios o gigante
O seio rompe ao desmedido Atlante!

— XX —

— Ai tens o Maranhão também famoso
Na história e pelos dons d'ama Natura;
Seu solo tão ubérmino, espacoso
Ostenta de um triângulo a figura:
Esse propício chão gera abundoso
O quanto a humana indústria mais procura;
Olha o ponto, que altivo em seu renome,
Inda de São Luiz conserva o nome!

— XXI —

— Depois a fronte o Piauí levanta,
Terreno criador de tantos fados;
Também sob'r'o oceano se adianta,
Onde vai entoar um dos três laços.

lá vés a Híliapuba, que agiganta
Asa alas os plenos céus de alcantilados
Que pacíficos alargam sua face,
E onde o gado pingue relva pasce!

— XXII —

— Vê como aqui o Ceará dilata
Um chão, que em produções tantas varia!
Ali se gera o alumínio, ferro, prata,
Crescem as árvores da tinturaria,
Em seus fronteões bosques se receta
Almariá, que tanto ali se cria.
De Jagraripe a serra derivando
Outras muitas, que nomes são tomados!

— XXIII —

— Rio Grande do Norte aqui se assenta,
Ondeada de montes, e colinas;
Que variegados pass'ros alimenta!
Seu solo esconde que abundosas minas!
A Natureza o encardilha aumenta;
Pois que a dotou de pródigas calinas!
D'aqui a serra de Apodi a extrema,
E d'all a soberba Borborema!

— XXIV —

— A Paraíba aqui nestes lugares
É das chuvas dos céus menos regada;
Mas apesar das serras singulares,
Pelo seu alegria será cantada!
Seus vastos ares, bem, que a milhares,
Não tolhem a cultura bem regada;
Vê que tão altas serras a rodeiam,
Que as nuvens dividindo aos céus se alteiam!

— XXV —

— Eis Pernambuco, o solo memorando!
Eis onde Camarão, e Henrique Dias
Tanto nome ganharam pelajando,
Dor bátaos punindo as correrias!
D'América a Veneza se espalhando
Vê nas ondas, soberba em loucanias!
Aqui tens, des da sua antiguidade
A pátria do valor, da Heroicidade!

— XXVI —

— Alagoas começa onde esta acaba,
Que pelo São Francisco toda afana
Ergue a fronte do Atlântico sob'r'a abá,
Onde cultiva a sacarina cana.
Iá tens a capital. Olha a Manguaba,
Quem profícios plantios lá se explana:
De Magdalena a vila aqui se erguera,
Que entre as chamas dos bátaos arderea!

— XXVII —

— Eis Sergipe qu'a Oeste os campos ará
Contra uma Natureza de tal sorte,
Que lhe sende dos céus a chuva rara,
Causa a seca aos quadrípedes a morte!
Mas contra Natureza tão ávara
Supera o do cultor ámido forte,
Que resultado da pols tão brillante
De um assíduo trabalho a lei constantell!

— XXVIII —

— Ai tens o lugar onde tua Bala
Curvou-se o incôla a Hostia consagrada:
Vê sua capital com que afana
Se contenta sobre montes sublimada!
Olha o monte Pocoal, que no longe via
Cedral, primeira terra dele achada
Aqui: o porto, que primeiro entrará!
Onde é da Redenção sinal cravara!

— XXIX —

— Eis a província do Espírito Santo
Cel'bre, com as que são mais celebradas,
Como são belas, como valem tanto
As esmeraldas suas tão gabadas!
Sua frondosa mata valem quanto
As das outras províncias mais louvadas
O rio Espírito Santo nela corre,
Dá-lhe seu nome, e n'oceano morre.

— XXX —

— Aqui tens sobre o centro a ilustre Minas
Vê que povoação, culto, e grandeza!
Também cultiva as plantas sacarinas;
Sua argila contém quanta riqueza!
D'ouro, prata, diamantes, pedras finas,
Argamassa seu solo a Natureza!
Irribi, mas sublime, n'outra Idade
Selou aqui um brado a Liberdade!

— XXXI —

— De Goiás a província aqui se encerra,
Tão rica de metais, e de diamantes!
Inda imune em seu solo imenso erra
O Inc'la, desses serios abundantes;
Pois cobrem inda a face dessa terra

BRASIL -- Teixeira e Sousa

Os duros acróas, cal'pos, chevantes! Olha aqueles dois rios se encontro, Que vai Japu a Tocantins formando.

— XXXII —

— Assi do Mato Grosso está assentada A mais central província deste Estado: Bem que mais vasta, é menos povada; Seu solo é de riquezas abundante: Inda a terra é bem pouco cultivada, Com quanto põe um clima abrigado; Porem os amplios rios fragam-lhe as entranhas, Compõem as nortinas assecas montanhas!

— XXXIII —

— Vê no extremo do sul, lá se dilata Montevidéu, província tão formosa! Ve, como sobre a foz do imenso Prata Se espalha de Juazeiro, e doravante; Vê como ocupa posição tão grata, Tão idónea no comércio, e vantajosa; Se não vitas correndo em vasto plano, Cremos o Prata um braço do oceano!

— XXXIV —

— E' agora a que vés junto d'aquele Do Rio Grande é amena e florescente; Bravos, fortes, invictos, vivem nela Partidas, sem medo da romana gente! Olha, como em seus campos é tão bela, C'no tudo prudiz de um modo ingente! Como os campos opímos, abastados Cobrem planícias de prestantes gados!

— XXXV —

— A esta outra província aqui se liga Muito fértil, porém pouco esparsa, Nela vegeta quanto Europa antigua Cultiva no seu solo proveitosas: Pois que todos os grãos, e o linho amiga Em seu culto terreno cuidados; Do Atlântico mais que outra esta barbadá, De Santa Catarina é a chamada.

— XXXVI —

— Rica em clima, e terrenos preciosos Eis São Paulo, eis a nobre Paulicéia, suas lindas té hão tão brilhos Teem dido de v'or subida idha O sol vertendo raios calorosos Torna sobrinhos as pontas de Amalteia; E' se solo será sempre afamado Pelaos filhos que tem à Pátria d'adot

— XXXVII —

— Aqui tem a província a mais polida: A mais comercial, mais habitada; Em custos e riquezas mais subida, De grandezas, e pompas mais ornada! Do Jazareira a cidade esclarecida, Por tão vasta bala se soberbida. A lorrada fronte soberana! Nossas uñas com garbo resplende ufan!

— XXXVIII —

— Haja, entre glorias, em l'geiros anos Sera objeto d'inhitos louvores;

Será mãe dos Brasileiros Soberanos, Quai hoje é dos Poetas e Oradores! Um dia apontara nomes ilustres Na lista de seus Génios suplidores! E polo seu comércio, sempre inteira, D'América do Sul será primeiral

— XXXIX —

— Vê que vasta bala, alegre, e mansa, A que outrora apelidaram río! Olha a serra dos Orgãos, que se lança As nuvens, como em fero desafio! Olha além polo mar, como se avançam Do Janeiro não longe o Cabo Frio; Primeira terra deste ponto achada, Que de tanta distância é vista.

— XL —

— Ali nesse lugar contempla ancora Uma pequena, e mal pobr cidade; Também a velha Holanda cubigosa Calcou seu só' com ferros maldades! Lá tens n'adolescência melindrosa, Tendo agora d'los lustros só de idade, Aquela, que há de um dia em brando metro De erégios louros adornar teu Belo!

— XLI —

— Agora, pois, que hás visto esta espacosa Superficie da terra abençoadada, A ti (terra tão vasta, e tão ditora) E os teus descendentes distinguidos; Pra' além da atmosfera luminosa, Te levo nessa nuvem sublimada; Polsemos, pola, desta hora tu es d'no, Sobre o globo do anjo do Destino.

— XLII —

Palara o anjo amigo desta sorte; Mas apenas tal dice, se calando, N'um arranco veloz, impeto forte Foi aos ares a nuvem se elevando! Entre os astros apôs do sul ao norte Do levante ao poente divagando, Diversos astros, pelos quais passava, Junto de Pedro o anjo lhe explicava.

— XLIII —

ANJO

— Vê, rotam, se trasladam nestes ares Globos, que demandando-os mal se aumentam; Quam opacos os vés nestes lugares, Que fulgores à terra não presentam! Aqui serca diversos tem os larens, São globos os que estrelas representam, Sem luz, n'esta amplidão equilibrados, Como o globo em que vives, habitados.

— XLIV —

— Vê o que deixas no sinistro lado, Opaco, e como os outros tão sombrio; E' clô o que por vos sol é chamado; Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao, Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa! De que é foco, e obtem lux radiosa!

— XLV —

— Do Eterno a primogenitura d'leita Luz, no primeiro dia foi fezida; E do universo a cúpula completa Em o segundo dia foi fechada; Mas India n'um só d'astros se manteve No quarto dia a abobada n'ela ada; Pois no primitivo dia esta obra sua Teve luz, mas não teve sol, nem luar

— XLVI —

— Olha essas, que parecem mais reunidas, Como em comprida lexião formadas, Lá da terra parecem tão unidas, E' vê, como aqui estão tão separadas! Os clarões de seus corpos despedidos Subindo uns pelos outros aumentados; Longa muncha tão alva ali derramam, A qual a Lactea via os homens chamam.

— XLVII —

— Olha aqueles dois globos mais chegados Pra' o signo, que chamais de Sagitário: Aqui estão outros três mais inclinados, Pra' o signo, que chamais signo de Aquário: Os dois por vos na frente colocados São, e na cauda os três, de um modo variô, Do capricórnio; e, se tão perto os vemos, E' porque n'ele agora discortmos.

— XLVIII —

— Este globo para onde nos lançamos, Que te parece mais abrillantado, E' ele o mesmo globo, que bucamos, E' onde eterno veia o anjo do fado, Com permissão divina n'ele entramos: Por Deus tal privilégio nos foi dado: Este globo é o que esas mais brilhante, E, tendo própria luz, brilha incessante.

— XLIX —

— Estes globos, que vés tão radiosos, E' que está dos mortais mais apartados, São os sublimes larens luminosos Dos anjos, que no universo foram dados: Estes luzindo sempre fulguroses Dardemus seus clarões não emprestados; Por tão longe da terra aqui se encobrem, Que nem os instrumentos os descobrem!

— LI —

Vagando nestes ares cristalinos Ambos foram poifar, por fim, seguros, Neesse globo, onde o anjo dos destinos Sabe (que Deus lh'—dize) alguns futuros. Chegados, o celeiro os sons divinos, Doces vrtuz assim dos lâbhos puros. Anjo dos Destinos. "Vem, Heró! Salve Deus o virtuoso, Que pode nesta Estância entrar distos!

(Fragments do Canto XIII de A Independência do Brasil — Poema épico em XII cantos, dedicado, oferecido e consagrado a Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II e oferecido ás Autoras, viúva e filhas do Herói do Poema por seu autor Antonio Gonçalves Teixeira de Sousa — Tomo II — Canto XII — pág. 271/287) — (B. N. IV — 75,2,2).

Teixeira e Sousa, na opinião de Ferdinand Wolff

Como ilucido Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, do qual mais de uma vez já falamos, em sua qualidade de poeta lírico e dramático, encontrou no romance o gênero que melhor convém ao seu perío.

A força de Teixeira Souza reside sobretudo na invenção de tramas complicadas, de imbróglios interessantes, de soluções surpreendentes, bem como na retinacidade das suas descrições, em suas tendências morais, em suas opiniões sérias. Ele sabe, ainda mais do que Macedo, o amor do misterioso, e nós o achamos mais natural do que esse outro romancista, E-lhe inferior, porém, na pintura dos caracteres, na vivacidade das diálogos, no espírito. Não sabe, como Mamedo sobria, fazer alternar o cômico e o humorístico com o sentimental e o sério; a ironia e os palavrões maliciosos de Almeida lhe são desconhecidos. Tudo isso torna Teixeira e Souza muito mais monótono, tanto mais quando as suas tendências o arrastam para a pintura do sombrio e do terrível, imposta por erros como o cônus de impares e de costumes, para catástrofes e tragédias.

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado como Pitot ou Lebrun, poderíamos muitas vezes comparar as obras de Teixeira e Souza as de certos escritores ingleses, sobretudo de James.

Sua primeira tentativa nesse gênero foi provavelmente o Flávio o Pescador, Romance brâsileiro; pelo menos nos dia-los os sinais de que o seja.

Teixeira e Souza nos legam de melhor o que por vos sol é chamado;

Vê, um corpo tem luz, um corpo frio! Os fogos com que a terra o vi cercao,

Que em turbilhões dercede, como um rio. Procedem da atmosfera luminosa!

De que é foco, e obtem lux radiosa!

Enquanto em Mamedo não é de assassínio na pessoa do marido, não são de natureza a influência de modelos franceses, e mesmo a imitação de um autor determinado

DOIS CÂNTICOS DE

Cântico XII

Venite, et videte opera Domini David (Psalms.)

A NATUREZA

Como é grato de um prado,
Que recanham bonitas,
Inoradas das lagrimas, que a Aurora
N'alvorada vertes de um dia amena
Na fresca madrugada.
Contemplar a risgens natureza,
Contemplar sua leis, sua harmonia

Que brilhante especula
Desenvolve a meus olhos
Com dextra liberto da luz e genio!
Oh! que do maravilhas, que de prazos
Desse gênio soberano!
Com ampla mão a natureza espalha
Sempre pronta, e sempre encantadora!

Que imponente majestosus,
Que as auras invadas,
Por entre o prado de serrados invadas,
Adornes do deserto, oit que de nada
Vos exilou a tanto?
Que mão robusta vos ergueu as nuvens,
E com penedos vos oprime a fronte?

O' borboletas ondas,
Tão vaziás, como o Orbe,
Que alta dextra, que vos mais formidavel,
D'onde não sei, vos trouxe a nossos olhos?
Quem é, que à voza suada
Barreiras levantou? Por que recio
Balizas não irágas, vossos limites?

O' rios caudalosus,
Que do impervios bosques
De baque em baque, com aflu, por entre
Humilhes valas, cordilheiras nobres,
E verdjanças varzeas,
Com altissimo estrépito rugas,
Ora massas de ouro, ora de argintas

Quem de caudais temores
Vessas álvos peejos?
Troncos exelentes, ironos, venerandos,
Quem vos trouxe as rigidas mesmas?
Belos festos, curados
De rescentes flores, donde beavistas,
A graca, e odor suave, e o colorido?

Aguia potente e encantada,
Dize, la donde adeita,
Quem te ensinou a equilibrar nas auras
Em vasto adio as gigantescas escas?
O' provida abelhas,
Podeis aprendestes, a extrair das flores
O belo dos mortais, nectar dulessimo?

Tu, que entre os alios robres,
O' ditador das selvas,
As feras amedrontas, quem te há dado
A força muscular, valhia em brios?
Tu, quem te deu, inseto?
A tua aranha, o teu sutil compasso,
Pra lebos simular, quendas, e angústias?

Terror feroz do Nilo,
Crocódilo estalmado,
Quem o pranto te deu, com que arremedas
Sobre o já descorrado, e murcho crâneo.
Carpis o negro crime?
Tu, feio bruto, enorme, donde houvesse
Tua viva compreensão, o elefante?

Intrepido corsel,
Dos humanos afás,
O companheiro lido, brio tanto
Nobre partilha, tu donde alcunhaste?
O' arrogante touro,
Quem desse régo sobressenho a fronte
Te ornou, pra impavidão espantar o homem?

Tu, maravilha rara,
Melhor das produções,
Este famoso, o homem, donde has vindo?
Que fazes sobre a terra? e por que fazes?
Qual é o teu destino?
Que mao do nada te extraiu sublime?
Onde vais? por que vais? qual é seu termo?

Por que a ti desconheces?
Oh como és ignorante!...
Não sabes porque vives, porque morres,
Nem que sorte te aguarda além da morte?
Lilás, porque não soberas...
Tui o religio, que em contínuo giro
Seu fator, seu princípio, e fim ignoras

O' ente milagroso
Da terra soberano,
O seu Juizo, compreensão, vontade,
Teu, órgãos, tua vida, ah! em ti tudo
Misterio, mas sublimes!
Dnde vieste para nítido, e belo
Pra em a natureza imperar livre?

O' moles luminosas,
O' cuscantes massas,
Libradas na expansão do aéreo vâcuo,
Lumes, que o homem de passage apena
No âmbito mesquinho
De sua curta vida, a fúria pode
Entrever o fulgor de espaço em espaço:

Clara, sublimes corpos,
Que gerações inúmeras,
Per períodos sem conto dos humanos,
No insaudável gêmio luciferavel
Enquanto tendes visto
O eu: ah! dizel, se as massas voasas
De toda a eternidade nascas existentes?

Astro, sabes nesso
Que dextra omnipotente
O ser mais brilhante bá feito?
Sabeis, porque milhadas em sacro arrebo,
Além da natureza,
Se eleva, encontra tua Ente, e, a esse Ente
Não sabe definir, porcos concebe?

Astros, sabes acaso
Porque prethe meu peito
De fulgente contella milagrosa,
Que de mim não nasceu, mas que em mim brilha,
Jucunda se exala
Na do mundo expansão prodigiosa.
Na Natureza os quadros contemplando?

Astros, sabes acaso
Quem augustas idéas
Gravou com tão brilhantes caracteres
No lóujo de meu peito adito breve?
Idéias sublimadas,
Que eu formo, e que o leão formar não sabe
Quem as plantou em mim? donde me hão vindo?

Portam surcos os Astros
Não escutam, se escutam,
Perplexos responder nem se quer sabem!
Tu, coélia do mundo, tu, que existes
Ao todo presidindo,
O alma do universo, o Natureza,
Dá que eu te invoco, satisfaç o Vate.

Ao meno, me indigita
A sobre-humana dextra,
Que de prodigios tantos povoara
O Céu, a terra, o m'adido elemento.
Tu mesma acaso foste
O ente soberano, o Ente inenso,
Que do caos arrancou milagres tantos?

Favoreso retumba
Som polo Orbe inante
Eu ouço, eu ouço... que medonho éto!...
Trovão jazentes assim cesar soubel!
Dondo es, é voz sublime?
Que ser imenso te depreja horrivel?
Ea voz da Natureza? Oh! não me duado...

"Eu sou, mortal, (diz elas)
Dos decretos do Eterno
A sabia, a providente executora!
Tudo quanto existir no Orbe vedes
Se curva às milhas leal
Tudo vive por mim, Indo se agita;
Eu sou, viventes, d'universo a alma!

Tudo por mim existe,
De mim tudo depende!
Dextra, que libra sobre um dedo os mundos
Do confuso extralho-me desse nada!
Dextra, por quem existo!
Existe a Natureza, porque existe
Dos mundos o Arquiteto imenso!... Deus!!!"
Disse; arquejou cansadão
E logo os som sublimo

Do nome — Deus — o Sol reverberou
Não vista até enião luz mais brilhante!
Os Astros tremularam
Um fulgor fulgor mais extremado.
O Céu mais puro azul traçou formoso!

Tremiu a terra pavida!
E os fugitivos rios
As roladoras ondas suspenderam!
O mar rugindo em colos sobre as praias
As furas esbarrou!
Desabrocharam recendentes flores!
Nos trechos novas germes rebentaram!

Palmo no mar o peixe!
Urrou no sotão a fera!
Ergueu a aguia exelente o adejo altivo!
Silvou a corpe! Os relícos adoraram!
Alçaram-se os insetos!
Hinos o choro alado, que jâmais
Aurora alguma ouviu, trinou mais belo!

Falou sublime em todo
A Natureza auga lá!
Tudo enviu sua voz, tudo sentiu
Em si de um Deus o portentoso peso:
E a seu modo tudo
Altas provas brontou do ingrato ofício,
Que o nome — Deus — ua criatura influi!

Homem, e que fizeste?
Também um Deus sentiste?
Ah! sentiste, bem sei, quem não sentira,
Quando em si mesma a Natureza sente
Um Deus, que lhe deu ser!
Mortal, mortal, co' a Natureza aprende
A errar, a adorar, temer um Deus!

Dos preconceitos limpa
De teus olhos a treva.
Nos quadros Naturais, sua harmonia
Espreia a vista, e passa; aprende deles;
Em sua voz estuda
A conhecer um Deus: Canteiros lhe entral
E grato aprende a ser co' a Natural.

Porcent da Silva — "Parnaso Brasiliense".

Cântico II

O Dia de Finados.

Es as cenas do mundo! Olh quantos entem
Riram-se alegres, que hoje em luto envolto
Veem tributar a anima, e a parentez,
Na mortada da morte,
O pranto da saudade!

Dos vivos o pesado ar melancólico,
As lutoosas pompas,
Os ciprestes nos mortos congebrados,
O silêncio dos túmulos,
Ah! tudo avisa o coração do homem,
O, que seião, dizendo,
O mundo e o nada! a eternidade, e o inel.

Lanç os olhos, mortal, sobre este quadro;
Vés aqui, do universo amontoadas,
Cobiçadas riquezas,
Prosterados diademas, muriçcos leitos,
Mil Sollos derrocados,
Mutiladas Tiaras,
Literários volumes, Togas, Mitras,
Alfanzas, e Louzadas, Emos, Lançast...!

Sobre o ingente montão de ilustres, principas,
A fumulante Morte um pé descança!
Com o outro ao ar erguido
Invade firme as auras;
Na dextra empunha o trueno ferro,
Na sinistra a ampuñeta dos espigões

Oh! como desenvolve, oit como estenta,
Da fortuna em despeito, em amplo quadro,
Plano incomensurável!
Oh! como atenta escuta
O baque imperecível, mal-ouvido
De um bago da incansável,
Rápida, fina arca,
N'ampulhetas do Tempot

Do topo dos trofeus:
Com ferro sobressendo no Orbe vibra
A implacável vista,
Num ténue ponto abraçar
O mundo: enião murmurá; e assaz acerto
Sorriso mofador, inquieto zotil

Que cena pavorosa!
Estando mortal, que na carreira
Da teus mesquinhos dias,
Tantos crimes forjaste!
Tanto e tanto a inocência perseguiste;
Olha, contempla, e tremel...

De par em par as venerandas páginas
Da História abrindo, que terríveis quadros
Ante mim se desabrum!

A rápida conquista, o Macedônio.
Julgaste o mundo inteiro um breve espaço;
Teu patrimônio o creste,
E os homens escravos de um só homem;
Até Deus te julgaste!

Entre os troicos caíste,
Da idade em meio, vitima da morte;
Mas pra o mundo oprimir, muito viveste!

Entre cerradas Legionas guerreiras
Ondilhos estandartes, brillam ferros,
Longas plumas esclam;

Tudo é piano de horror, de estragos, mortes;
Castelos se desabam,
Cidades se prostram,
Baluartes se abatem,

Ardem cearas, incoses se consomem;
Ondas de sangue sobre os campos ruim,
Viam de punto em ponto o ferro, e chama;
E num espaço dobrinado Globo

Eis a copa do inferno,
Na guerra, nease horror da humanidade!

Sobre os talados campos
Insultos, milhôes d'homens stão sem vida,
Chora, já não tem pão, nôz donzel!

Chora, consolá, já não tem esposo!

Irmão, chora o irmão, amado, se um dia
Maneiro, não tem filo, fil, fil, chora o filho...;

TEIXEIRA E SOUSA

Enunciou a trompa clangorosa,
O brado da vitória se divulga;
Sua o clarim da fama; envolto em louros
Encume o herói soberbo a sombra,
Um tanto horror, com riso, ofusca os estragos;
Um sangue quente os matados; espólios
Um torne de tirano se amontoam;
Aqui ovantes seus fiéis se turbam,
Ali tristes cativos:

... e sorte d'homens, que nascem livres,
... e fins do seu gládio está pendente!

... e de nos o Anjo a fronte alçando,
... e no Volume eterno, e dix sombrio:
... digital da natureza ingrato filho,
... seu grémio arrojado ao impio crime,

... Tu, que da tua vida

O tempo, o curso, e a sorte,
... não sabes, como insólito atreves
... mortais a dispor da sorte e vida?
Morte! Da natureza ao seio torna!
... Nampheta do Tempo só o baque
Do tu extremo bago! Esta já cheia
... crimes, e de v.d.a o teu espacol
... pomposo fantasma o teu triunfo,
Tua vida foi sonho! Acaba, ó impio!

Disse. O livro fechou. Trou a queda
De seu baque. Acenou o Anjo do tempo
Da morte ao Anjo: adejo ele devolve,
Enqu o ferro, o vital estâme corta
... Tu, horro; cai moribundo, arqueja, e morre;
O mundo aplaude, a humanidade exulta!

A sim findam heróis, e assim monarcas,
Deles sombando o Anjo das destinos,
Do sono eterno o Anjo.

E o Anjo das idades.
Em a meta comua, o círculo é este,
Dele não tripla além planta de humanos!

Aventuro mortal, que o ouro adora,
Em cofres aldrabados;

Cres esse ouro teu Deus, tem bem, e vida?
Qu'engano! tame o Tempo, o Fado, e a Morte,
Para o Fado comprar, a Morte, e o Tempo,

Não valem teus tesouros;
Escala os cofres, goza esse ouro inutil,
E breve a vida, num momento foge,
Torna os instantes aseus sequer distoal

Cavar tesouros o háriddio Mineiro

Encara com desprezo:

Tudo muda, e se acaba:
Num momento pode Iro

Em Creso se volver, e o mesmo Creso,

Pão comolar, tão pobre, como um Iro!

Mortal, que calgas hoje a humanidade,
Não vós, que é porção dela, e que outro dia

Também serás calcado?

Breve te aguarda o, férreto,

Folgar hás-de a inocência, e os malvados

Receios de prazer ver-te-ão sem vida!

Tudo ao gozo da Morte gême, e expirar

Bras cedros do Líbano,

Sagrados bronzes, mármores,

A memória de heróis,

Que tantas gerações passar tem visto,

Carcônidos do Tempo acabar hão-de!

Como os instantes fogem!

A noite segue ao dia, o dia à noite.

Sucedem um tempo ao tempo;

Onde um tempo aparece acabou outro...

Nem o tempo escapou ás mãos da Morte!

Até o tempo morre! Tudo acaba!

Essas do engenho humano obras mais primas,

Milagres dos mortais,

Efeus, Egito, Rodes, e Semiramis.

Caria, e Assíria, Créta, extão por terra!

Mortal, que este ambulante Globo trilhas,

Ah! crê, que em toda parte onde os pés lanças,

Pisam humanos ossos,

E humanas cinzas calcas,

Amazadas e o pranto, e com sangue

Da miséria e fôbli humanidade!

Oh! como é curta a vida! Oh! quantos males

Com ela vinh'ou a mão do Fado!

A perrimus trabalhos,

Baças enfermidades,

São que os prazeres mais preponderantes;

Nem vale quase de viver-as a pena!

Aproveita, mortal, tão curto espaço,

Que te deixam viver desgraças tantas;

Que a vida entre desgraças não é vida,

E' duração pesada!

Porrem-te as penas fruções, que em meio

Da vida a Morte asoma, e a Morte é tudo!

Mortal, humano sé, oh! sé piedosol

Os avilos braços, riquezas, pompa,

Não te duram os crimes;

Ama a santa virtude,

Odeia o vício, foge ao negro crime;

Quem entre crimes vive, existe em ferros!

Esta morada vê, triste, e sombria

Domicilio da Morte;

Contempla-te, mortal,

Olha quanto, destroços;

Vê d'um, vê d'outro lado, é tudo mortel;

Toda voz sepulcral, mortal, escura;

Dos atântas dia em som funáreo,

No, maculoses sublimes ribombando,

A horrenda voz medonha

Em hediondo atilo;

Tu, que passas, detem-te, encara um pouco,

Estas urnas contém, e pensa, e trem!

Oh! Vê o, que é, e o, que, serás, soberbal

Na meta, ó mortal, do teu orgulho!

Ei fui, como tu és,

Sereis, como hoje sou...

Verdade teme, e adora, que te falta

A pavorosa voz da Eternidade!...

(Pereira da Silva — "Parnaso Brasileiro").

Teixeira e Sousa, no juízo de Silvio Romero

Antônio Gonçalves Teixeira
e Sousa (1812-1861).

Um mestre, filho de uma
pobre família, de Cabo Frio,
na província do Rio de Janeiro.

Um de apenas o ensino das
primeras letras, foi forçado
em 1822, por aportos peculiares
dos pais, a aprender o ofício
de carpinteiro.

Este mister, já em Cabo Frio, já no Rio de Janeiro,
para onde passou-se em 1825,
encontrou-se até 1830. De volta
a sua cidade natal, foi
tempo mestre-e-cola, empregado

Postos estes produtos à margem,
ainda nos restava o poema
lírico e os romances do
novo escritor para dar-nos a
medida e mostrar-nos a indole
de seu talento.

Apreciaram primeiramente o poema,
e façam-o rapidamente.

Quando digo que o poeta de Cabo Frio era bem intencionado,
avancei uma verdade. Era
patriota e nacionalista; forceava
por tomar parte nos esforços
de geração de seu tempo
no empenho de dotar o Brasil
com uma literatura. Então
não tinhamos ainda vergonha
de ser brasileiros, sonhávamos
ainda com a formação de uma
patria autônoma e progressiva.

Como a mulher perdida que
abre a sua porta ao primeiro
viandante, o espírito nacional
não havia ainda desesperado
de si, não desejava ainda
escancarar as portas de nossas
casas a quantos desconhecidos
queiram tomar conta delas.

Nacionalismo não era ainda zísmo
de atração e empeachment,
era apenas a salva-guarda das
tradições, a consciência de um povo que se
queriam tomar conta delas.

Nacionalismo não era ainda zísmo
de atração e empeachment,
era apenas a salva-guarda das
tradições, a consciência de um povo que se
queriam tomar conta delas.

O romance brasileiro no seu primeiro momento foi uma
propagação do espírito da velha
escola milenária. Ao menos
em parte foi assim.

Depois é que a imitação do
romanticismo francês, a maca-
queação, o plágio ignobil do
francêsimo sufocou em nossa
literatura o sentir nacional.

O poeta estava cheio de boas
intenções, que se não realizaram,
ou realizaram-se mal e incom-
pletamente, não tem valor,

seu como bilhetes brancos, pa-
péis que nadam valem.

E o caso de Teixeira e Sousa.

Por mais bondoso que eu
mais sofrivelmente legível são
os estrofes rimadas, que foram
acima transcritas. O contrário
da-se no "Colombo", também
escrito em versos soltos, e
onde os versos rimados estão
sempre abaixo de medíocres.

O poeta se me revelou aca-
nhado, ermo de gracas, de vi-
da, de movimento, de seiva,
de entusiasmo. Nem força a
masculinidade, nem graciosi-
dade e meigueria. Não tem qua-
se nenhum dos sinais distin-
tivos das boas poetas, ou ainda
dos poetas secundários, mas in-
teressantes na sua inferiori-
dade.

Poucas leituras conheço em

qualquer literatura tão en-
fadonha, e tão nulamente com-
pensadoras, como a do poema

"Os Três Dias de Um No-
vado".

O estilo é áspero, a métrica

pesada e dura, o fundo um

amiguilhão de trivialidade e de

fantasmagoria de insuportável

contextura. Nada mais facil

do que aduzir trechos para lan-
car al diante dos olhos dos eti-
cistas as provas absolutas: do

que afirma...

E bastante indicar ao leitor
toda a conversão no canto
quarto do poema entre o pro-
tagonista Corimba e o veílo
"Solitário" que ele encontrou
nas brenhas de uma mata, e
ainda mais particularmente as

acenas do quinto canto, pas-
sadas entre o mesmo "Corimba"

e os bruxos e entes sobre-
naturais do "Rochedo encan-
tado", onde o moço amante e
recém-mrido de "Miriba" val

inquirir do futuro. Oh! leitura
disidente! Fecho dispensa de

trazê-la para aqui. Prefiro

mostrar o trecho que me pare-
ceu mais agradável em todo o

poema. São no segundo canto

os descantes entre os dois
amantes: em al noite do noivo

do Corimba começa e "Mi-
ribá" lhe responde. E' por esta

forma:

...

O poema é escrito em ver-
bos brancos na maioria pro-

sáticos. De todo ele o pedaço
mais sofrivelmente legível são
os estrofes rimadas, que foram
acima transcritas. O contrário

da-se no "Colombo", também
escrito em versos soltos, e
onde os versos rimados estão
sempre abaixo de medíocres.

Teixeira e Sousa forcejou por
ver nacionais; faltaram-lhe, por
ver, a imaginação e o vigor
artístico. E' em nossas litera-
tuas um poeta de ordem ter-
ciária.

Atirou-se denodadamente ao
romance; de 1843 a 1856 pu-
blicou "O Filho do pescador".

"Tardes de um pintor" ou as
"Intrigas de um jesuíta", "Gon-
zaga" ou a conjuração de "Tira-
dentes". "A Providência", "Mar-
ia ou a menina roubada".

"As fatalidades de dois jo-
vens".

Escritos num estilo descurado,
e em linguagem por vezes incorreta,
acham-se cheios
quase sempre de saltadoras,
escondelhos, subterrâneos, as-
assinatos, incêndios, envene-
namentos, resurreções, e toda
a patacada, todas as "fíceles".

do gênero pavoxoso.

De tal romances, os melho-
res são "As fatalidades de dois
jovens", "As tardes de um pintor"
e "A Providência". São
estudos da última fase dos tem-
pos coloniais, o descambar do
século passado.

No meio das irregularidades
de um enredo emaranhado,
destacam-se certas páginas
providentosas e aproveitáveis:

"O Filho do pescador", a
cena do banquete por ocasião
do casamento de Loura
com Augusto; nas "Tardes de
um pintor", a descrição da ci-
dade do Rio especialmente
o bairro de S. Cristovão nos meia-
dias e fins do século passado; na

"Providência", a descrição da
Aldeia de S. Pedro e da pro-
cissão dos Passos; nas "Fatali-
dades de dois jovens", a des-
crição de uma festa popular, de

um "samba". Trasladamo esta

para aqui. E' assim:

...

E' um dos trechos mais su-
bitos.

(Continua na pág. 281)

Somente com Manoel de Macedo
e José de Alencar é que a prosa
de Teixeira e Sousa ganhou contornos definitivos
e avultou nas nossas letras.
Antes da "Moreirinha" e do
"Guarany" houve apenas tentativas maiores ou menores feitas, como
as de Teixeira e Sousa e Norberto
Silva, todas muito louváveis, porém de apelido merecimento, se as considerarmos pelo lado puramente literário.

Teixeira e Sousa (1812-1861)
deixou nas suas obras maiores
intenções que realizadas. Muitas,
como Pauli Brito, o célebre tipografo seu protetor e amigo, que
lhe abriu as colunas da "Marmota", para a glória do escritor, e
os coriolis da parca bolha para que
facilitassem a vida a seu escravo, o ro-
manticista fluminense não se contentou com os elogios do público e
do Mecenas, mas trabalhou valentemente a prosa e o verso, es-
crevendo dramas, poemas e novela-
rias, com exuberância incrível num
homem quase analfabeto, sem
grandes recursos de estudo ou da
cultura. Sua poesia é desabrida, não tem qualidade alguma apre-
ciable; quando se guarda em al-
tura do gênero épico é suplemento
desabrido, e quando consiste em
versos de um folião é trivial,
insípida, sem graça nem espontanei-
dade. Os "Canticos Líricos", os
"Três dias de um Novado" e a
"Independência do Brasil" são li-
vros já esquecidos e muito justi-
amente, porquanto nada há neles de
bom nem de ótimo, tudo é al-
midio, arrastado e enfático.

Quanto ao prosador, não se pode
querer o mesmo. Teixeira e Sousa,
com o "Filho do Pescador", as
"Tardes de um pintor" ou as
"Intrigas de um jesuíta" e "Gon-
zaga" ou a conspiração de "Tira-
dentes", delineou os fundamentos do ro-
mance popular, descriptivo e histó-
rico. Os folhetins que estampou
em vários jornais do tempo eram
frios e com interesse, direitos mes-
mo com amor, pelo público, in-
distintamente letrado ou não. Con-
corría para isso a novidade dos
assuntos, a singularidade do estilo e a
facilidade com que ele fabulava.
Aparente de não serem perfeitas as
situações criadas por ele, nem va-
rios pelo "caratê" ou suas tí-
picas românticas. Teixeira e Sousa,
dadas as condições do milo, fe-
zera um bom operário, um ruim mas
relevante obreiro, a quem deveremos
a 1.ª página desastrosa da nossa
prosa romântica. (Pequena Histó-
ria da Literatura).

TEIXEIRA E SOUSA...

A referência no nome de Teixeira e Sousa é para lembrar a questão da paternidade, recente brasiliense, do autor. Nuno Teixeira foi, a longo tempo essa questão, defendida por Silvio Romero, de maneira expressa por um José Verissimo e um Ruy de Carvalho. Já o Sr. Antônio Faria atribui a Nuno Teixeira como o seu "O Filho do Pescador", o diretor da precedente (1). Mas "O Filho do Pescador" é antes, como o ressalta Verissimo, "uma obra de teatro e educação religiosa", de que propriamente um romance. Com "As Duas Orfãs", publicado em 1881, Norberto Veríssimo a hora se o horizonte da verdadeira literatura, ou seja o balismo do autor. No entanto, porém, é uma obra escrita de pouca maturidade (2) e permaneceu tentativa anterior à obra — de Teixeira da Silva (1880) Corte Real, 1939) e de Varnhagen (Crônica do Desenvolvimento do Brasil, 1840) — a qual não pode igualmente dar o nome de romance, de obra de pura ficção. De modo que Teixeira e Sousa, com o O Filho do Pescador — 1843 — herrou o competidor sério.

Em 1857, porém, o sr. Ernesto Ribeiro, ressalvado, em longo e exaustivo ensaio, (3) a originalidade de Teixeira e Sousa, mas, de resto, de resto, que o romance publicadas de "O Filho do Pescador" e "Formosa", se atraíram em paulista Teixeira e Margarida da Silva e Orfãs, e que, em outubro, o sr. Rui Biom, fez o resto um estudo crítico. Em 1861, (4) o sr. Ernesto Ribeiro, que se deu a sua herança em um romance, que é o "O Filho do Pescador". O que é que parece lógico é que esse romance, no Brasil, só é escrita brasileira, e que só é de Teixeira e Margarida da Silva e Orfãs, e que é certo que não existe jogo de comparação, brasileiro e português, cada um dos pesos no seu "ponto de vista", procurando enriquecer a sua li-

temão, reputar as objeções que se possam fazer à sua tese. Ora, em que pese à distinção do Ocidental, não me parece estar com a razão. Veremos.

Depois de citar a opinião do sr. Fidelino de Figueiredo, ressalvo a qual pertence de direito à literatura portuguesa "os autores nascidos no Brasil no período colonial — ponto de vista que julgo 'respeitável' — abude o sr. Biom a de Silvio Romero, para quem 'o fato de haver um autor nascido no Brasil era ruim suficiente para que figurasse em nossa história literária, mesmo tendo vivido em Portugal, formado ali o seu espírito e escrito sobre assuntos que não dissidentem de nossa pátria', e para quem por outro lado, devem fazer parte da nossa literatura escritores portugueses que aqui vieram, como Tomás Antônio Gonzaga.

O ensaista de São Paulo coloca-se, em toda a linha, no lado de Silvio. "No período colonial" — escreve — "ainda não existiam no Brasil centros de cultura. Fica e studar os brasileiros precisam procurar as escolas de Portugal e eram, assim, absorvidos pela Metrópole. Nem por isso, entretanto, deviam de ser brasileiros, quando não mal de pelo espírito, pelo parentesco". Ai é que está o ponto. Então o incidente não é simples do nascimento de Teixeira e Sousa, mas, sim, da sua formação, de um autor da cultura, de um autor da formação do seu espírito? Evidentemente, não.

E a acertar-se tal ponto de vista em relação aos outros que, num primeiro momento, e por que desprécio o respeito dos escritores em Portugal? Fazendo, é que se atraíram, de resto, ao seu "ponto de vista", procurando enriquecer a sua li-

"O filho do pescador" e "As fatalidades de dois jovens"

Aurelio Buarque de Holanda

Fazenda
de Campos
Novos -

teratura e desfalcar a alegria. E, em última análise, se assim é, então Teresa Margarida será uma autora insuportável.

Ora, a verdade é que a temida de Matias Alves der-seu considerada escritora portuguesa.

Teixeira e Sousa, de São Paulo aos 5 anos para Portugal, ai se reuniu a sua formação, e é viva pelo resto da vida. O seu romance reflete do nosso meio que ela, praticamente não conhecia. Ela é menos brasileira que Antônio José e Gonçalves Crespo, pois o primeiro viveu o Brasil aos 8 anos e o outro embora possa viver em Portugal e melhor de sua vida, não escravou a terra, a que o vivenciamos íntimos laços de sangue — sangue nosso (as aristocráticas paulistas, maternas, de Teresa Margarida, eram, afinal de contas, bem europeias) — a terra, que cantou em comóridos versos. E se estes mesmos autores não podem ser — e portugueses não são — considerados os nossos, que se dirá de Teresa Margarida?

A primeira obra que se pode chamar romance brasileiro é, pois, "O Filho do Pescador", de Teixeira e Sousa. E o livro, se não influenciou literariamente, influenciou pelo exemplo a outros escritores. Fragostimo, não é de dizer, claramente, como o de Teresa e Sousa — de muito melhor qualidade — uma tentativa solitária, avassaladora. Com ele temos um canhão aberto, — atirado para outros e para o mesmo autor. O mísseis de Cabo Frio e que dão começo à história do nosso romance — do romance brasileiro, situado no Brasil, feito por filho do país, do espírito formado na terra, e a el radicalmente lúgubre.

E a acertar-se tal ponto de vista em relação aos outros que, num primeiro momento, e por que desprécio o respeito dos escritores em Portugal? Fazendo, é que se atraíram, de resto, ao seu "ponto de vista", procurando enriquecer a sua li-

teratura e estilo de que o acusam resultam, em boa parte, da pressa com que de ordinário redigia os seus escritos (4), muitos destinos destinados a folhetins, agravada por uma revisão demolidora negligente. Por alguns desses defeitos, como a prolixidade e as repetições inúteis, responderá também "má-por" da época, falso de escrever mal foi coisa generalizada, então. Macedo, "de língua desleixada e estilo frouxo" (Veríssimo), não é muito superior a Teixeira e Sousa (5), particular: Bernardo Guimarães, incerteza de linhas, e a própria ausência de estilo. E assim quase todo o resto, com a brilhante exceção de Alencar.

Nota-se que as produções, em geral, da obra dos "Corticos Líricos" consistem com raras, segundo se deixa da prefácio, relações um estídio aperto e um conhecimento da língua (6). E estas qualidades se acentuam não só nas produções do livro, mas ainda em comentários a algumas delas. Esta que se apresenta notável é a tradução de um poema de Lamartine, a XXIV. meditado". A propósito do verso — "On raga, qu'un murmure" — "O original diz: onda, o que as margens lambem" — observa Veríssimo: bem sei, que não são sinônimos, mas para evitá-lo houve, na concordância da conjugação — ou — e — o — de cada tradução.

Comentando o verso — "Ele os sombras dos céus, se ergue" — "zeffiro": "O original diz: céus", que significa portanto, do qual não usei por me parecer pouco práctico; serviu-me do termo "céu", portuguesando-o do Latim "celum" e a que os italiani chamam "cielo"; tento desfazer a anterioridade de três impasses: quanto mais que tendo-nos o computo soprado, não é muito descompormos, e restarão céu". Note-se a segurança com que desfaz o neologismo, de que Conchaixa, Frei Domingos Vieira e Lacerda não dão notícia, e que — Admite-se a revisão — para justificá-lo o enunciado "ozeffiro": "apare-

luquesce o estrinco do latim, pela necessidade de consonante. Vali-me da — Pictoribus atque Poetas — de Portus tric!". Confrontos entre certos passos do original francês e a tradução resolvem sólido conhecimento dos dois idiomas.

Nem se deixe de lembrar, podendo de vez em quando outras, a analogia com que justifica n.º 10

"Filho do Pescador", o emprego de "marguia": "Leitor benigno, reuni comigo a necessidade de bem exprimir-me neste lugar, e em vos asseguro que não só me

perdoareis, como realmente acredito, depois de muito tempo.

A sua linguagem daria mar-
gem, aliás, a curioso estudo.
Além dos neologismos apon-
tados, que passaram depois a po-
lir as correntes, despareceram
versos, não dicionarizados
ainda, "Borbolhão", por
exemplo, muito bem formado.
Arrancou de alguém, falar mal
tradicional de tantas personagens,
dirigida à Juilacinha, a "At
Fatalidades": "Aulete dá locar
vaca, na mesmo sentido. Ju-
lacinha, arrancando de Emilia
acha que o cabalo à "campan-
va" dialeto, mas que estava
muito penteado". Figueiredo traz
o vocabulário, mas noutro sentido.
Deve tratar-se, aqui, d: um ar-
cane, como no caso de "mo-
esta" (spécie), que anda na mo-
da da moda, passaram: "As
mocas eram 'modistas' e re-
cide, mas com alguma perci-
pção e modestia; nem uma
hera que se quisesse dar p/
cabeça da moda".

Muitas outras palavras e lo-
ruçezas ao valor da época — a
época de céu dos seus romances,
os últimos tempos do Brasi-
l colonial, pouco diferentes,
clar, em tantes pontos, dos pri-
meiros do Império — poderiam
aqui ser apontadas, como, igual-
mente, certos hábitos sociais,
e economiações pitorescas ou lin-
gas de preços de vestuário,
e roupas e becos e travessas do Rio
antigo. Baste, porém, regular
que Margarida (7) "As Fatali-
dades" aplica disfarçadamente um
belíssimo em Geraldo, como
 prova de ofício, ou despedir-se
dele, depois de se terem encontra-
do, em uma reunião, pela pri-
meira vez; que, nos salões, os
homens de ambos os sexos — so-
bretudo as mulheres — costumavam "arrancar a ma língua"
do autor, mesmo, observa ser
expressão do tempo; que a Ju-
lacinha morava na sua hoga-
chonada das Marocas, mas
muitas das Elias Notes; e que a
mata, velada sob o doce, amar-
vel nome de "queixa de pollo",
algue ou meta em maior excla-
mácia, talvez, as personagens de
Teixeira e Sousa, do que a ap-
arência das tipos de Eça de Quel-
vez.

1 — Referindose a Nuno Mar-
ques Pereira (História da Literatura
Brasileira, t. I, da Transforma-
ção, sec. XVIII, pág. 38), es-
creve o seguinte: Convenio que
Márcia Pereira assumiu a função
de precursor da novelaística brasiliense... "É evidente a hostilização do autor, e note-se que emprega, de modo genérico, a expressão novelaística, e não romanesca, especificamente. E logo a página seguinte,
pondo os pontos no li: "A genérica classificação do escritor, julgado
na obra, é a de moralista".

2 — Memória do Jornal do Co-
mercio, Rio, Junho de 1938, tome II, vol. III, 820. — Cito de acordo com o sr. Rui Biom, Dr. Ernesto
Elias li, sobre o assunto, o ensaio
Teresa Margarida da Silva e Orfãs
na Revista do Instituto Histórico e
Geográfico de São Paulo, vol. XXXV,
pág. 11, outubro de 1938.

3 — Rui Biom, "O Princípio Ro-
manceiro Brasileiro" (Bollettino de
um tiro da história literária da
Brasil), Revista do Arquivo Municipal
do Rio, outubro de 1938.

4 — A vida borboleta que levou
o sr. Biom permitiu grandes cidadanias
a sua forma. Veja-se o prefácio da
biografia de Veríssimo, em
edição da Estrela: "Ninguém

TARDES
DE UM PINTOR

M. DE S. LIMA

INTRODUÇÃO

SEGUNDA EDIÇÃO

COMENTÁRIOS

TOMO I.

1.º DE JANEIRO.
1938. — POR AL. J. V. R. — 30 P. 100.

70 — R\$ 10,00

1800

Conclusão de um romance -

Teixeira
e Souza

Juliano entende que pode, deve lutar-se ao trabalho de que eram as causas que tiveram o pai e a sra. D. Lordecenne na ilha adória. Qualquer parte destas causas fazem exato.

Na sr. Alfredo, quando ficou-se por Maria, a intenção era aceitar seu e por conseguinte suicídio a punição dele. Não contento a fundo o castigo de deu, supôs de si para si que já vendo sua filha salva, desprendimento seu, que interessasse a ação não importando-se mudar a pessoa que em seu lugra ficado na prisão, porque não tinha ele nem de escudo. As circunstâncias, mudaram intelectualmente as disposições do mancebo, dando-lhe lugar a que se fez, sem comprometer prejuízo; porque era bem ver que o mesmo carcereiro fosse perseguido, visto a disposição pública contra ele e em favor do seu marido, a vista, pois, das intenções do moço, e impossível mudar a sua dedicação submissa e homenagem estupenda; e porém tomaram Augusto na ilha esta ação extrema e verdadeiramente dolorosa...

Dois anos depois destes acontecimentos, o campo em que se via a rocha piramidal, em que existia a capela de N. S. da Penha, estava coberto num multíplice algueira, folgada e ruidosa; ondas de povo que se contumulavam todas as classes, classes, estados, id. que estremecia alegria, e se abraçavam por sobre uma que rugia deixado de se passou, e em torno de vinte barracas, em por entre os de graciosos arbustos, quente cutas ondulavam turbilhões, remontando-se finalmente até o rimo do penedo, ou da precipitando-se na sua raiz.

No templo, elegantemente iluminado e decentemente iluminado, acompanhados pelos mares de religiosa mistura, vam, com magnificência sublimante os hinos ao Eterno, aurocos. Hosanai! Era um solento, amável e sublime, porque era o dia festa N. S. da Penha; amável, que antes da missa cantada,

na mesma capela, o Sacerdote Senhor, levado nas santas mesas multitudinárias a deitado amarrado, lhe havia dito: — "Amar-te como Jacob e Rachel" — sublime, porque um novo Sacerdote celebrava a sua primeira missa! Era, pois, um dia maravilhoso!

Os dois coniques, que o começo da missa haviam recebido a bênção matrimonial, vestidos, como para essa cerimônia, na qual religião santificava o amor, estavam apinhados pouco distantes do altar, em que se celebrou, ouvindo essa missa nova, com uma devoção verdadeiramente cristã. Por detrás deles, uma grave, e modesta matrona, coberta de belos brancos, ouvia essa missa com a mesma devoção dos novos. Não longe deles, um preto, afeição, decentemente vestido, que havia com tanto prazer, como um ente verdadeiramente feliz... porque o verdadeiro prazer, o prazer justo e santo, nunca se manifesta sem as p. preciosas gotas do coração.

O leitor deverá, por sem dúvida, conhecer todos esses personagens; o que, não obstante, o narrador entende que não pode nem deve eximir-se a obrigação de aqui consignar seus nomes.

Assim, pois, terminemos a nossa história, por demais tosca, por demais informe, pedindo aos pacientes leitores mil desculpas e perdões, declarando-lhes que o novo chama-se Alfredo; a návia, Maria; a matrona, D. Lordecenne; o preto, que com tanto prazer gozava sua liberdade, nesse dia recebida, era José Pacholin; e o novo celebrante, chamava-se — Frei Augusto de N. S. da Penha.

(Continua na Página 338).

UM NÃO SEI QUE

Teixeira e Souza

Benito, e querer falar
de amor crua paixão.
Mas de Lilia um não sei que
Enreda o meu coração.

Lilia não tem formosura,
Quem a combeca bem vê;
Mas tem não sei que de novo
Ema um certo não sei que.

Não a amo, mas por ela
Sinto não sei que desejo;
Sinto mais um não sei que
Sempre quando Lilia veio.

Mal que a vejo o coração
A não sei que não resiste;
Têm de alegrar um não sei que;
Têm um não sei que de triste.

Um não sei que quer que um
Que não sei qual é, lhe dê;
Mas tem não sei que de esquiva;
Têm de terma um não sei que.

Quando eu stou junto a seu lado
De mim mesmo estou na pose;
Sinto um não sei que de gratidão;
Sinto um não sei que de doce.

Quando estou de Lilia ausente,
Meu corpo a minha alma exige,
E sinto em meu coração
Um não sei que, que me afflige.

Se em mim fita os olhos, creio
Que atenho em minha alma lhe,
E neste olhar me parece
Que me dir um não sei que.

O sereno olhar de Lilia
Não sei por que me aguabrinha;
Lilia tem, voltando os olhos,
Um não sei que, que me encanta.

Não sei por que vendo Lilia
Certo não sei que me excita;
Diz minha alma um não sei que;
O coração me palpita.

Se, ó Lilia, quando me vés
Em teus olhos tu não mentes,
Vem, ó Lilia, me explicar
O não sei que, que te sente.

Se meus olhos te não mentem,
Ó Lilia, mais tem aí...
Que, não sei por que desejo
Te explicar um não sei que...

(Continuação da pág. 279)

portavam do estilo de Teixeira e Souza; ainda assim encerra

O campo A MORTE DE dos ciganos CLARA --

Teixeira e Souza

Voltemos a Clara.

Alita por tantos desgostos, retumbada por tantas dores, fraca por falta de alimento, abatida por tristes vidas, e agora, enfim por tantos sofrimentos, não tinha coragem de preparar para este derradeiro golpe, golpe cruel, que devia derrubar seu coração, porque Clara amava seu pai, tanto seu, sua filha podia fazê-lo!

Clara morta, em braços de Juliano foi levada de junto do leito em que seu pai expirara, para seu leito; ai, por causas de um habil médico, tornou à vida, mas não a sua razão! Clara estava completamente louca, causada, e horror, o vómito.

Clara se figurava mulher de Juliano, e gozando as dores, as venturas e suprêmas cenas que de um vinhedo tirasse sua alma teria podido colher!

Umas vezes chorava por seu pai, e derramava um ouvado de lagrimas! Outras, amaldiçoava ac padie Roberto, e ria, todas as tristes e doívoras cenas da palhoga em que vibravam.

Ao terceiro dia de sua enfermidade perdeu a língua, e o conhecimento. O venerável padre Jerônimo, irmão de Juliano, era quem visitava junto do leito de seu padrinho e quem confortava no infeliz Juliano! No quinto dia a enferma cerrou os olhos e os restos dessa beleza insigne apagaram-se nos ruidos dos passos da morte que já dela se apreciavam! No quinto dia, pelas dez horas da noite, um rubor celeste cobriu suas faces e seus lábios tornaram-se outra vez de um belo e delicioso carmim! Suas feições se animaram, e o dia triunfou-se bela e ate encantadora! As onze horas, abriu seu pranzo olhos negros, correu com a vista toda a casa e deparando com Juliano sorriu-se para ele e pareceu estender a mão direita... e o morrebe, caíndo de joelhos junto deste santo e doloroso leito, tomou esta mão tão cura, chegou-a no peito sobre o coração, e depois cobriu-a de ardentes e picardos beijos! O rosto de Clara conservou-se sempre em seus lábios; era um si rivo d'vinho! Seu rosto tornou-se radiante, e alegre, e por um derradeiro, mas milagroso esforço da natureza, ela levantou sua mão esquerda e com o dedo index, olhando rumo para Juliano, apontou para o céu! Depois fechou seus belos olhos, estendendo seus braços, soltou um fundo suspiro, e num vómito escoou-se ao longo de sua face! mas lágrima sandra e sua lágrima... quem sabe que lágrima é essa?...

E uma lágrima chorada pelo próprio Deus no céu do homem, no momento em que o punho de seu primário cílio! no momento em que o degradava de seu primário cílio! no momento em que o rajelava à morte, e à condenação eterna! Porque Deus amava o homem, antes de sua queda, como o melhor de todos os pais, com os mais preciosos de todos os filhos... essa lágrima que se desprendeu no momento da morte, no momento da morte, a chorar no rosto de uma dor maior de todas as dores!

E, pois, essa lágrima, gelada pelo falso da morte, deslizou sobre o rosto de Clara; ela não fez mais nem o menor movimento; mas seu rosto tinha um fulgor divino, o sorriso que nascera estava sobre seus lábios e seu rosto tinha uma expressão celestial! E estava morta!!! Mas essa morte era bela, como a morte de um santo! e de tão bela que era encantadora, porque não fizesse de tão mimosa virgem! Era uma morte misteriosa!

Estava morta, mas estava bela! Direi que representava em um sono tranquilo e doce e que nesse doce dormir sonhava, e belo era seu sonhar, porque era sonhar com anjos do céu, porque esse celeste era o mimus, sorriso que divinizava seu rosto, tanto a santidade da sua vida e as praeas de seu rosto haviam embelezando os horrores da morte que não apreendera sobre os traços de seu encanto!

Clara expirou sem fazer o menor movimento, como disse; e estava pois morta! Mas a morte quando tem de trazer a vida de um santo aproxima-se deles timidamente e respeitosamente, porque ela sabe que seu golpe é um verdadeiro triunfo para a Vida. Assim, pois, a morte se avizinhava dela tão mansamente e tão mansamente desfechou seu golpe que ninguém deu dele fôl! E estava morta, ninguém a sabia!

Junto do leito em que tinha morrido Clara, estava o padre Jerônimo e Juliano de joelhos rijoita a mão de sua amada com copiosas e sentidas lágrimas. Da parte das pais estava a amada contemplando sua filha de círculo e chorando. Algumas senhoras amigas de Clara, uma poesia mais afetuosa, falam e mesmo. Mais distantes estavam algumas escravas, tristes e melancólicas.

Entre todos estas pessoas reinava o mais profundo silêncio. Era o silêncio da morte! Ninguém se atrevia a perturbar a gravidade religiosa desse agonio santo!

Era passada meia hora depois que Clara expirava e ninguém se havia percebido disto. A pena, olhando atentamente para ela, disse então para Jerônimo:

— Senhor padre, ela está morta...

Juliano largou de repente esta bela mão, já quase fria de todo, e recuando, como diante de uma visão medonha, exclamou:

— Morta?

Todos se aproximaram então, e depois de várias experiências, como a do espelho e outras, conseguiram que Clara estava morta.

Juliano, em um acesso de dor, reconduzido ao leito de Clara, caiu de joelhos e tomado outra vez seu malho, rijoito que a morte lhe arrebatava dal neou pranteando sobre ela. Irmão e o pode arrancar dal nem um conselho, nem uma palavra de consolo queria ouvir o marcebo. Só ao ralo dorria, quando foi preciso lavar-se o corpo da finada, foi que tiraram a Juliano desse estado de dor e abatimento.

Entretanto, o padre Jerônimo havia rezado por tantas orações sobre a defunta, e espargido sobre elas algumas gotas d'água benta.

O padre Jerônimo e alguns amigos de Paulo determinaram o enterro, que teve lugar nessa mesma tarde, e no convento de Santo Antônio, junto da sepultura do seu pai, Clara, a mais bela, a mais virtuosa de todas as mulheres, teve o seu enterro dentro de leito.

(Continuação de "Cânticos Líricos" — Vol. II, página 38-39).

(Continuação de "Cânticos Líricos" — Vol. II, página 38-39).

“A CANÇÃO DA VIDA” DE



J. KRISHNAMURTI

ADVERTÊNCIA

A aquisição da Verdade é uma experiência absoluta e final.

Eu tornei a criar-me segundo a Verdade.

Não sou poeta. Apesar de procurar irradiar em palavras o meu processo de conhecimento intimo.

— Krishnamurti.

— I —

Faze do teu desejo o desejo do mundo;
Do teu amor o amor do mundo.

No teu pensamento apodera-te do mundo;
Nas tuas alegrias passa o mundo conciliando a tua eternidade.

Podes tirar muita água de tua poeira;
Mas nunca poderás apagar a sede dos teus desejos.

Teu coração pode guardar a dor do teu amor;
Mas, com a chegada da morte, essa dor morchará.

Tens penitentes podem verar a si os lhos;
Mas, em conflitos amedrontados, caídos pra eternidade.

Como as flechas lançadas por um bravo hercúlea,
Deixa que os teus desejos entrem profundamente na (Eternidade).

Como o rucho da montanha, que é puro na sua (pessas),
Deixa que o teu espírito corra entusiasmado (para a liberdade).

Minha voz, que desperta do mais fundo do amor,
E' a voz do entendimento,
Nascida da infinita tristeza

— II —

Quem pode dizer se o teu coração está limpo?
Quem pode dizer se o teu espírito está puro?
Quem pode dar a satisfação do teu desejos?
Quem pode curar-te da ardente dor da saudade?

Haverá quem te dê o conhecimento,
Ou quem te indique o caminho do amor?

Poderás fugir àquele pavor que os homens chamam (Morte)?
Poderás afastar de ti a dor da solidão,
Ou fugir ao grito da ansiedade?

Poderás esconder-te atrás do sorriso da música?
Ou poderás perder-te em divertimentos alegres?

A sabedoria há de nascer do conhecimento.
Ela faz ouvir a sua voz
Ainda no deserto das confusões completas.

Um homem viu sombras que se agitavam.
E saiu em busca da causa de tantas belezas.

Pode a vida morrer?
Olha nos olhos do teu vizinho.
O vale dorme, escondido na escuridão de uma nuvem.
Mas o cimo da montanha é sereno.
Contemplando o céu aberto.

Nas margens de um rio sagrado
Um peregrino repete um canto incessante.
E, encantado num templo frio,
Um homem ajoelha-se, perdido num mormundrio (devoto).

Olha: sob a poeira pesada do verão
Dorme uma folha verde.

Uma vereda sobe, devagatrizinho, do lado da montanha.
Quem quererá carregar-te por ali, como o seu fardo?

Eu vi um atelado que caminhava para mim.

Minha recordação dolorosa teve lágrimas.

Na imensa distância
Uma estrela solitária ocupa todo o céu.

— III —

O fim de cada coisa está no próprio começo.

Sufocado, escondido,
Ele espera a sua libertação.
Pelo ritmo da dor e do prazer.

Tolhido na agonia do Tempo,
Alegado na angústia íntima do seu crescimento,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo.

Está procurando o momento do êxtase iluminado.

Moldado na poesia do equilíbrio,
Colhendo a riqueza das pesquisas da vida,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Vai caminhando para o coração de todas as coisas.

No santuário secreto do desejo,
Através das recessos de um amor envolvente
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Vibrá a canção da Eternidade.

Na infinitude das coisas visíveis e invisíveis,
Na sucessão dos nascimentos e das mortes,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Une os espaços de separação.

Perdido na adoração ardente,
Deslizado das vias pesquisas do pensamento,
Oh, Bem Amado,
O Ego, com o qual tu formas um todo,
Vai-se fundindo no Ininterruptível.

Como sempre, oh, Bem Amado,
O Ego é ainda o Todo!

— IV —

Ouve, amado!
Eu te falo da secreta perfume da Vida.

A vida não tem fisionomia,
Nem se encontra na forma de pensamento.

A vida não tem religião,
Nem adoração em paixões profundas.

A vida não tem Deusa,
Nem o fardo de tempo é mistério.

A vida não tem morte,
Nem a tristeza dolorosa da última deterioração.

A vida não tem prazer nem dor,
Nem a corrupção dos amores implacáveis.

A vida não é boa nem má,
Não é dura punição do inconsciente pecado.

A vida não é sonho,
Nem repousa no santuário do esquecimento.

A vida não é capricho nem malícia,
Não existe nea a separação cruel da ação e da inação.

A vida não contém a morte,
Não tem o vazio da solidão na sombra do Tempo.

Livre é o homem que vive na Eternidade,
Porque a vida é.

— V —

Sou mil olhos com mil vias,
Sou mil corações com mil amores.

Sou como o mar
Que recebe os rios limpos e os rios impuros
E lhos é indiferente.

O lago da montanha é profundo.
As águas da montanha são claras.
Meu amor é a fonte escondida de todas as coisas.

Ah, vem até aqui e prova do meu amor!
Enfia, como o lótus que nasce numa tarde fraca,
Hás de encontrar o mais secreto desejo do teu coração.

O perfume do jasmim enche todo o ar da noite.
Da floresta profunda
Chega a apelo do dia que vai morrendo.

A Vida do meu amor tornou-se leve, leve.
Seu fim é a liberdade da realização.

— VI —

A divindade do amor é o próprio amor.
Se, quando o segures,
Sobreses desaparecer os fardos
De um espírito artificioso.
Então, te deixarás livre do pavor
Das súperas inquietudes.

O amor não é limitado
Pelo tempo nem pelo espaço
Nem pelas tribus criações do espírito.
Um tal amor deleita-se
No coração daquele que muito caminhou
No tumulto das próprias pesquisas do amor.

O Ego, o Bem-Amado,
A escondida beleza de todas as coisas,
É a invenção do amor.

Oh, por que procurar mais?
Para que mais amar?
Na poeira de um amor sem cuidados
Acha-se a Virgem sem fim da vida.

— VII —

Ama a Vida.
Nem o começo, nem o fim da Vida, podem explicar
De onde é que ela vem.

Porque a Vida não tem começo nem fim.
A Vida é.

Não realização da Vida não existe morte,
Nem a dor da grande solidão.

A voz da meia-ida, a voz da desolação,
O riso, a grita da tristeza,
São speras, a vida no seu caminho de realização.

Olha-me, olha do teu vizinho.
Aqui há de encontrar-te diante da vida.
Aqui está a imortalidade,
A vida eterna, que nunca se modifica.

Para aquele que tua ama a vida
Existe o fardo amedrado da dúvida
E o pavor da solidão.

Para ele só está a morte.

Ama a Vida.
E a tua vida não conhecerá a corrupção.

Ama a Vida e a seu julgamento te sustém.

Ama a Vida e não te extorquias
Das limitações do entendimento.
A vida é a cor das coisas da terra são divindade,
A vida é o homem que tem direito na vida
E a sua forma é a tristeza.

Não olhares os olhos da amiga
Com inveja e ciúme.
Mas ama a vida com grandes alegrias.
Cuida que tu é a de alegria.
Não há contrário no movimento da vida.

Desta vida, imortal e livre,
Eu sou a eterna fonte.

E' essa a Vida que eu canto.

— VIII —

Não procure o perfume de um só coração.
Nem demores no seu mal conforto.

Porque a vida é.

O pavor da solidão.

Eu chorei.
Porque vi

O vazio de um único amor.

Nas ambições que se agitam
Jaz uma flor morta.

A adoração de muitos em um só
Cimbra a tristeza.

Plan o amor de um só em muitos
E' uma felicidade eterna.

— IX —

Com que facilidade
O voo tranquilo
Fica turvo, quando os ventos sopravam!

Não, amigo!
Não procure a felicidade

Nas coisas que se causam.

KRISHNAMURTI —

Tradução de M. L.
Ilustrações de Enola

Perdi um caminho;
Perdi a mim mesmo.
Perdi o teu próprio coração.

— X —

Um sonho nasce de uma multidão de desejos.

Quando o teu espírito estiver tranquilo

Teu pensamento não te aterrorizará,
Quando o teu coração estiver calmo,
Claro de um amor puríssimo,
Indo, é amigo,
Amanha Russo das palavras,
Haverás de descobrir um mundo.



Na inverna distância,
uma estrada solitária emprega todo o céu... (III)

Além a solidão de toda a Vida.

Além a fenda silenciosa

Que se abre na multidão agitada.

Na tua solidão que não te encontras
Na tua nem inferno,
Na tua solidão, presente, nem futuro,
Na tua solidão, as decepções do pensamento,
E tu ouvem os suaves murmurios do ar que
Tua respiração.

Na tua solidão aquele mundo,
Na tua solidão não se agita em seu círculo extasia,
Na tua solidão manifesta-se na vida,
E tu só vives que o uso é que encessa.

Na tua solidão de ti,
E tu só vives que não existe.

— XI —

Na tua solidão profunda da montanha
Na tua solidão que corre liberta,
Na tua solidão profundidade da meu coração
Na tua solidão amor satisfeito,
Um amor que é o próprio perfume do mundo.

Além dos vales banhados de sol
Perdiam-se as águas
Que não entram de lago a lago,
Só se cortando,
Riadas paradas.
Assim é o meu amor:
E tu só vives escondendo de coração a coração.

Como as águas se movem tristemente,
Através de ma cavernoso e escuro vale,
Assim, meu pobre amor se torna turvo
Pela vergonha do desejo fácil.

Como as grandes árvores são derrubadas
Pela poderosa torrente,
Pelas águas que lhes tinham nutrido as raízes,
Assim, meu amor arranca cruelmente
O meu coração das suas alegrias.

E tu só vives a rocha sobre a qual circas.

Como o rio largo
Que foge para o mar agitado,
As águas não admitem a escravidão.
Assim é o meu amor, na perfeição de sua liberdade.

— XII —

Oh, negra-te!

Tua um trovão entre as montanhas,
Bembras longas estendem-se através da verde su-
perficie do vale.

As chaves fazem spontâne
As virtudes bíblicas.
Nas validas praias do céu de ontem
Lá no alto, nos rachadões.
Uma fraca tempestade o pôr do sol.

Tocar as colas são grandes com Vida.

Oh, amigo,
A vida preenche o mundo.
Tu e eu estamos na eterna união.

A vida é como as águas
Que matam a sede dos reis e os mendigos.
Para o rei, a taça de ouro,
Para o mendigo, a taça de barro,
Que se quebra em pedaços junto à fonte.
Cada um considera preciosa a sua taça.

Existe a solidão,
Existe o pavor da solidão,
Existe a dor do dia que morre,
Existe a tristeza da noite que passa.

A vida, desprovida de amor,
Vai errando de casa em casa.
Sem que ninguém proclame a sua beleza.

Da rocha de granito
Forma-se uma imagem gravada
Que os homens consideram sagrada.
Mas elas pizam desculpadamente na rocha,
No caminho que condus ao templo.

Oh, amigo!
A vida preenche o mundo!
Tu e eu estamos na eterna união.

— XIII —

Explora a secreta pesquisa do teu desejo.
Assim não viverás na ilusão.

Que podes saber sobre a felicidade,
Se não caminhaste no vale da miséria?

Que podes saber sobre a liberdade,
Se não te revoltaste contra a tua escravidão?

Que podes saber sobre o amor,
Se não pensaste ainda em te libertar
Das complicações do amor?

Eu vi as flores que desabrochavam
Nas horas escuras de uma noite inalterável.

— XIV —

Quem sabe se o pingão de chuva
Não contém em si o rio caudaloso?

Quem sabe se o pingão de chuva, em sua solidão,
Não alimentaria a árvore solitária da montanha?

Quem sabe se o pingão de chuva, na sua grande
Iqueda, não era o dão com de muitas aguas?

Quem sabe se o pingão de chuva, em sua pureza,
Não apaga as flores dolorosas?

Insensato é aquele que, na vida,
Corre atrás da sua própria sombra.
A vida é ilusão.
Porque ele ainda perdeu nos caminhos da escravidão.

Para que a luta na solidão da desunião?
Na vida não existes tu, nem existo eu.



lá no alto, nos rachadões, uma águia controla o
sítio... (XII)

— XV —
Eu não tenho nome.
Sou como a lama branca da montanha.
Não tenho religião.
Sou como as águas errantes.
Não tenho santuário, como os deuses obscuros.
Não existo na sombra dos templos profanos.
Não tenho livros sagrados.
Não me riho bem familiarizado com as tradições.

Não estou no incenso.
Que sobe dos altares altos.
Nem na pompa das cerimônias.
Não me encontro em imagens gravadas.
Nem no canto abundante de uma voz melodiosa.

Não estou preso a teorias.
Nem corrompido por crenças.
Não acho escravidão as religiões.
Nem à piedosa agonia dos seus sacerdotes.

Não estou nas garras das filosofias,
Nem no poder das suas setas.

Não sou humilde nem glorioso
Sou o adorador e o adorado
Sou livre.

Minha canção é a canção do rio,
Desejando o mar aberto,
Vagando, vagando,
Eu sou a vida.

— XVI —

Não ames o galho elegante da árvore,
Nem coloques no teu coração apenas a sua imagem.

O galho morre.

Ama a árvore toda.

Então, amarás o galho elegante,
Amarás a folha nova e a folha murcha,
O broto timido, a flor desabrochada,
A pétala caída e o topo que se balança.
A sombra espantosa de um amor completo,
Ah, ama a vida em sua plenitude.
Essa plenitude não conhece declínio.

— XVII —

A tristeza é facilmente esquecida.
E o prazer é confundido pelas lágrimas.
Somente aqueles que temem o poder de ver muitas
Coisas Conservam a recordação das feridas profundas;

Dos seus suspiros passados.

A tristeza é a sombra
Que segue o prazer.
O desejo é insaciável.
No seu voo anseia.
A impulsividade de seus atos
Revelará a fonte da tristeza.

O conflito da insatisfação é uma tortura.

O convite da tristeza
E o caminho para a felicidade.

A morada da vida
E' no coração do homem.

— XVIII —

Oh, a sinfonia daquela canção

O santuário mais íntimo
Está suspenso com o humor de muitos.

A chama anima-se com o pensamento de muitos.

O perfume da cítrona queimada
Enche o ar.
Um sacerdote indiferente
Murmura um canto.
O ídois respondece,
Parecendo mover-se.

Cansado de tais adorações ilimitadas.

Um silêncio completo pesa no ar.
E, de súbito,
Uma canção melodiosa de infinito amor
Traz lágrimas indizíveis aos meus olhos.

Vestida de branco,
Uma mulher entra no coração do seu amor.
A dor da maternidade que ela nunca conheceu.
O riso das crianças em torno do seu se.
O amor que morreia jovem.
A melancolia do lar estéril,
A solidão num noite tranquila,
Uma vida vasta
No meio de uma terra florida.

Eu choro com ela.
Nossos corações se fundem.
Ela deixa a morte do santuário,
Cheia da felicidade de adorar no dia seguinte.
Sigo-a através da tristeza do tempo.

Oh, Amor,

“A CANÇÃO DA VIDA” DE

Eu e tu andaremos.
Nas estrelas haverás do verdadeiro amor.
Eu e tu nunca não deixaremos.

— XIX —

Vivi a vida e a vida das homens.
E o dia que o meu amor se tornou escuro.
Cada vez a vida é a moralidade das almas.
E o mundo que o pensamento se tornou vazio.

Tudo perdeu a verdade e na verdade das homens.
E o dia que a minha vida se tornou perdida.

Fugir, na corrida das ambições.
E a noite da vida me apareceu vã.

E agora eu penitente a secreta intenção do desejo.

— XX —

No teu coração que transborda
Dá-me entrar a tristeza.
E a alegria que tua te traz será abundante.
Como os rios crescem
Depois das grandes chuvas
E as pedrinhas tornam outra vez a alegrar-se
No susurro das águas que correm,
Assim, vagando ao longo dos caminhos,
Mais de encher o vazio que cria as apreensões.

A tristeza desdobrará a tela da vida,
A tristeza dará a força da solidão.
A tristeza abrirá para ti
As portas fechadas do teu coração.

O grito da tristeza é a voz da realização
E a alegria que nela encontras
E a plenitude da vida.

— XXI —

Não olho para ninguém além de Ti
Oh, Bem-Amado!

Tu nasceste em mim.
E olha, ai!
Eu tenho o meu refúgio.

Tenho lido sobre Ti muitos livros.
Dizem-me eles
Que existem muitos como Tu.
Que muitos templos são construídos para Ti,
Que há muitos ritos
Para te invocarem.

Mas eu não tenho intima comunhão com essa.
Porque todos eles são apenas as cascas
Das pensamentos dos homens.

Oh, amiga!
Procura o Bem-Amado.
Nas secretas recessões do teu coração.
Muito cela o tabernáculo.
Quando o coração deixa de agitar-se.

Não olho para ninguém além de Ti,
Oh! Bem-Amado!
Tu nasceste em mim.
E olha, ai!
Eu tenho o meu refúgio.

Em Ti acredito,
Oh, meu eterno Amor.
Posso eu contemplar a face
De todos, os vivos e de todos os mortos!



Não tenho refúgio:
Só com os olhos errante... (XV)

— XXII —

Meu irmão morreu.
Nas estrelas como duas estrelas num céu só.

Ele era como eu,
Quemimado pelo sol ardente,
Na terra virada pelas dores brilhantes,
Na terra em que as palmeiras se balançam,
Na terra dos rios secos,
Onde há sombras innumeráveis,
Domingos coloridos, passares tagarelas;

Na terra em que a copa verde das árvores
Brilhava sob o sol brilhante;
Em que existem arraia de ouro
E flores azuis e verdes;

Na terra em que o mundo vive sob o peso da lama
E as coisas torram sob a ação do sol;
Em que os campos de arroz de um verde brilhante
São suculentos nas águas lodosas,
Em que os corpos nos brilham,
Bronzeados,
Lívres na luz fulgurante;

Na terra
Em que a mãe, na beira das estradas, dá de mamar
ao filhinho

Na terra do amoroso devoto,
Que oferece alegres flores;
Na terra do santuário na margem dos caminhos.

Na terra do silêncio intenso,
Da enorme paz,

Ele morreu.

Chorei-o na solidão.

Para onde quer que eu fosse, ouvia a sua voz
E o seu sorriso feliz.
Procurava o seu rosto
Em cada transeunte.
E perguntava a cada um deles se havia encontrado
Meu irmão.

Mas nenhum deles pôde consolá-lo-me.

Eu adoréi.
Eu rezei.
Porem os deuses permaneceram silenciosos.
Não pude chorar mais.
Não pude mais sonhar.
Procurei-o em todas as coisas,
Em todos os climas.

Ouvi o susurro de muitas árvores,
Chamando-me para a sua morada.

E então,
Em minha pesquisa,
Em te contemplar, oh, Senhor de meu coração.
Em Ti somente
Vi o rosto do meu irmão!

— XXIII —

Eu te digo
Que a ortodoxia se estabelece
Quando o espírito e o coração começam a decair.

Como os poços tranquilos da floresta
Dormem escondidos sob um manto verde,
Assim, a Vida está coberta pelo acúmulo
Dos pensamentos do outono.

Como a folha mole se torna pesada com a poeira
Do verão que passou,
Assim é a Vida: ela se torna pesada
Com um amor que agoniza.

Quando o pensamento e o sentimento
Se acham cercados pelo pavor da corrupção,
Então oh, amigo,
Fica preso na escuridão
De um dia que morre.

Uma folha seca está marchando
Na sombra de um grande vale.

— XXIV —

Como a flor guarda o perfume,
Assim te contento eu,
Oh, mundo,
No meu coração!

Guarda-me dentro do teu coração;
Porque em sua a Liberação,
A felicidade sem termo da Vida.

Como uma pedra preciosa
Se esconde na profundidade da terra,
Assim, eu estou escondido
Na profundidade do teu coração.

Embora não me conheças,
Eu te conheço muito bem.
Embora nada penses a meu respeito,
O meu mundo está cheio de ti.
Embora não me ames,
E o meu amor é inalterável.
Embora tu me adores
Em tempos, lereias ou mesquitas,
Eu sou um estrangeiro para ti.



O idilo resplandecendo,
parecendo mover-se,
cançado de tais adorações limitadas... (XVII)

Mas tu és o meu companheiro eterno.

Como as montanhas protegem
O vale sereno,
Assim eu te cubro,
Oh, mundo.
Com a sombra da minha mãe.

Como as chuvas veem
Para uma terra seca,
Assim, oh, mundo,
Eu venho
Com o perfume do meu amor!
Conserva o teu coração
Puro e simples,
Oh, mundo!
Porque então eu seré bem-vindo para ti.

Sou o teu amor,
O desejo do teu coração.

Conserva o teu espírito
Claro e tranquilo,
Oh, mundo!
Por que isso que está a tua compreensão.

Sou eu o teu entendimento,
A plenitude
Da tua própria experiência.

Eu estou no templo,
Estou à margem do caminho.
Observando as sombras que se movem
De um lugar para outro.

— XXV —

A razão é o tesouro do espírito,
O amor, o perfume do coração.
Ambos são de uma mesma substância,
Mulgada, embora, de diferentes maneira.

Como uma medalha de ouro
Tem duas imagens,
Separadas por uma delicada esmada de metal.
Assim, entre o amor e a razão
Encontra-se o equilíbrio do entendimento,
Aquele entendimento
Que é de ambos — do espírito e do coração.

Oh, Vida! Bem-Amado!
O amor eterno só existe em ti.
Só em ti existe o eterno pensamento!

— XXVI —

Como a falsa
Que há de dar elas
Está escondida entre as cinzas escurecidas.
Assim, oh, amiga,
A luz
Que há de querer
Está escondida
Sob a poeira
Da tua experiência.

— XXVII —

Oh, amigo,
Tu não podes encravar a Verdade!
Elas é como o ar,
Livre sem limites,
Indestrutível,
Inenarrável.

Não tem moradia,
Templo, nem altar.

KRISHNAMURTI --

Tradução de M. L.
Ilustrações de Enoia

Não pertence a nenhum Deus,
é mais acioso que seja o seu adorador.

Pode-se acaso dizer que foi a flor
que a abelha tirou o doce mel?

Oh, amigo,
Deixa a heresia no herético,
A religião no ortodoxo!

Eu sou a Verdade
Tu podes da tua experiência.

— XXVIII —

Como o oleiro
Põe a negrura do seu coágulo
Ameiada o barro;
Assim, tu podes crivar,
Para a glória do teu ser,
A teu futuro.

Como o homem da floresta
Avia uma estrada
Através da espessa jungla,
Aí, podes fazer,
Através do turbilhão da aflição,
Um claro caminho
Que te conduz à libertação das tristezas
E a eterna felicidade.

Oh, amigo,
Canso durante um momento
As misteriosas montanhas
Vocais ocultas na neblina que passa,
Assim, tu estás escondido
Na escuridão
Da tua criação.

O fruto da semente que semeias:
Tu deves pesar sobre ti.

Oh, amigo,
O céu é o inferno
São palavras
Para te impelirem às justas ações.
Mas o céu e o inferno não existem.

Somente as sementes de tuas próprias ações
Vão nascer
A flor de tua saudade.

Como o escultor de imagens
Corta no grânito a forma humana,
Assim, também, na rocha
Da tua experiência
Talhaste a tua eterna felicidade.

Tua vida é uma morte;
A morte é um renascimento.
Tu é o homem
Que se encontra além das garras
Das suas limitações.

— XXIX —

A montanha desce até as aguas apitadas.
Mas o seu cimo esconde-se dentro de uma nuvem
Foscada.

E, a base de tronco de um pinheirol morto
Cresce uma flor de vida.

A felicidade do meu amor é a Vida
E no seu caminho não há morte.

— XXX —

A dúvida é um unguento precioso.
Embora queime, cura eficazmente.

Eu te digo:
Convida a dúvida.
Quando calares na plenitude do desejo
Apela para a dúvida.
No momento em que a tua ambição
Estiver ultrapassando os outros
No peregrinamento.

Aos da dúvida.
Quando o teu coração estiver gozando um grande
lamento.

Eu te digo:
A dúvida faz nascer o amor eterno.
A dúvida limpa o espírito de sua corrupção.

Assim, a força dos teus dias
Se ferirão no conhecimento.

Para a plenitude do teu coração
E para o voo de teu espírito
Deixa a dúvida arrancar as tuas perplexidades.

Como os frascos ventos das montanhas
Que desportam as sombras dos vales,
Assim, deixa a dúvida
Animar o amor em declínio.
De um espírito anestesiado.

Não deixes a dúvida entrar a furto no teu coração.
Eu te digo que a dúvida
É um unguento precioso.
Embora queime, cura eficazmente.

— XXXI —

Ouve-me, amigo.
Sejas tu um lago, um monge, um sacerdote,
Um devoto chão do amor de Deus,
Um peregrino procurando a felicidade,
Banhando-se nos rios sagrados,
Visitando sagrados santuários;
Sejas tu o adorador casual de um só dia.



Na terra em que a mãe, na beira das estradas, de
mamar ao filho... (XXXII)

Um leitor de muitas livras,
Ou um construtor de templos;
— Meu amor se atraímenta por ti.

Eu conheço o caminho para o coração do Amado.

Essa luta va,
base afiá imenso,
Essa tristeza sem fim,
Esse p.aser incansável,
Essa dúvida que queima,
Esse peso da vida,
Tudo isso há de acabar, oh, amigo!

Meu amor se atraímenta por ti.

Eu conheço o caminho para o coração do Amado.

Tenho eu caminhado através da terra?
Tenho eu amado a reflexão?
Tenho eu cantado, arrebatado em êxtase?
Tenho eu escutado os sinos dos templos?
Tenho eu ficado exausto com os estudos?
Tenho eu procurado?
Tenho eu perdido?

Sim, muito tenho eu conhecido!

Meu amor se atraímenta por ti.

Eu conheço o caminho para o coração do Amado.

Oh, amigo.
Amarás tu as retrações
Se pudessas ter a realidade?

Aira para longe os teus sinos,
Os teus incensos,
As tuas apreensões e os teus deuses;
Põe de lado as tuas crónicas
As tuas filosofias.
Vem!

Afasta de ti tudo isso!

Eu conheço o caminho para o coração do Amado.

Oh, amigo.
A melhor das coisas é uma simples união.
Esse é o caminho para o coração do Amado.

— XXXII —

Através do véu da Forma,
Oh, Amado,
Eu te vejo em manifestação.

Como são inatingíveis para o vale
As montanhas!
Entretanto as montanhas
Contêm o vale.

Como é misteriosa a escuridão

Que faz nascer as vigilantes estrelas!
E entretanto a noite nace do dia.

Eu amo apaixonadamente a Vida.

Como o lago da montanha
Que recebe muitos rios
E dá nascimento a muitos grandes rios,
Mas possui de suas profundezas desconhecidas,
Assim é o meu amor.

Calmo e claro como as montanhas pela madrugada
É o meu pensamento
Nascido do amor.

Feliz é o homem que encontrou a harmonia da Vida,
Porque ele era na sombra da eternidade.

CIÉNCIA DE PAPEL -- JOÃO RIBEIRO

Tive mais de uma vez a experiência de pedantismo e avidez.

O monografista alemão é formidável.

Conta com graca Heurique Helmholtz que conseguiu a fazer um curso de história numa Universidade, alemão, se não, por acaso, obrigado a aprimorar-se. Ao cabo de alguns anos voltou e encontrou o mesmo mestre universitário que ainda estava a explicar o reinado de Sesostris.

Desisti naturalmente da experiência. Foi tão longe a vida a vida era muito breve.

Essa ameia é simbólica e expressiva das profundidades exhaustivas da ciéncia alemã.

Multa dessa fantástica erudição de textos, de autores, de epigrafia e de critica, não passa em verdade de uma ciéncia de papel.

Em neste sentido W. Ostwald tem, como noutro poeta, carregadas de bom humor e razão.

Contudo, disse uma vez que havia conveniência em que se repartisse o grande incêndio da biblioteca de Alexandria. Haveria mais verdade a tirar das cinzas que de documentos inumeráveis.

Porventura, tem Ostwald intelecto mais nublado falso e escreve dos

círculos exercícios de pedantismo e avidez.

O monografista alemão é formidável.

Contudo com graca Heurique Helmholtz que conseguiu a fazer um curso de história numa Universidade, alemão, se não, por acaso, obrigado a aprimorar-se. Ao cabo de alguns anos voltou e encontrou o mesmo mestre universitário que ainda estava a explicar o reinado de Sesostris.

Desisti naturalmente da experiência. Foi tão longe a vida a vida era muito breve.

Essa ameia é simbólica e expressiva das profundidades exhaustivas da ciéncia alemã.

Multa dessa fantástica erudição de textos, de autores, de epigrafia e de critica, não passa em verdade de uma ciéncia de papel.

Em neste sentido W. Ostwald tem, como noutro poeta, carregadas de bom humor e razão.

Contudo, disse uma vez que havia conveniência em que se repartisse o grande incêndio da biblioteca de Alexandria. Haveria mais verdade a tirar das cinzas que de documentos inumeráveis.

Ostwald é ao mesmo tempo sábio e filósofo da natureza e muito dado estar perto dos sentimento. Assim, vê como Schiller pelo prisma do Amor e da Poesia as necessidades dos fundamentais da vida.

Homem e animal, povos e espécies, que não se preocupam da prole, arruinam-se e desaparecem.

E a garantia da vida é o trabalho, como o amor é a garantia da espécie.

Mas foi pelo trabalho que o homem chegou à mais alta expressão da cultura: a Ciéncia.

As outras formas e expressões variadas são primitivas e um pouco arcaicas: a Religião, o Direito, o Estado e a Arte.

Haja o instinto do trabalho prevalecer na ciéncia que tudo domina pela capacidade profética de prever os fenômenos.

E' o grande poder do homem atuado.

Entretanto, o ritmo da história mostra-nos os períodos de declínio e queda em que por vezes cai a função intelectual.

Essa ciéncia é sempre caracterizada por uma cultura egocêntrica e verbal, como foi entre os gregos,

a era dos "sofistas", e na Idade média a idéia de "escolástica" e ainda a idéia moderna e da teologia.

Algum momentos em que a objetividade do espírito se abisma esteticamente em si mesmo, na castração dos seus próprios eos.

Por que com tanto afô progride a ciéncia? — pergunta ele. Progride, por que os seus dons proféticos são cada vez mais seguros. Assim, tanto o médico, o psicólogo, o sacerdote, o filósofo e o químico certos das suas previsões e do seu poder sobre as coisas.

"Toda a ciéncia incapaz de prever e profetizar, em vez de ser uma ciéncia das coisas, é uma nova escolástica, é uma 'ciéncia de papel'."

E toda ciéncia de papel é inacessível, desperdiça a energia e chama sobre si o desprezo dos tempos vindouros".

Assim, diz ele.

O que falta, pois, a essa escolástica de erudição e de verbalismo é, por excelência, o "senso social".

Essa ciéncia não trabalha para ninguém, não pergunta jamais para o que serve, e nem con-

que resultados pode sermelhante trabalho aproveitar a humanidade.

Dissem, e dissiparam.

Era uma condenação formal.

Se os povos primitivos, à maneira do Ídolo, se recebem o trabalho como castigo, pois que fizeram condenar a viver com o seu reto, os povos de hoje sentem a necessidade de se privar de apetite, de escassez dos alimentos e da devoção das gerações.

E' o que diz Ostwald.

Como, para admitir assim projeto desse despedidos, intelectuais?

A ciéncia-primitivo é dura, mas é praziosa e provoca em juventude. Mas, por que, o condenando na juventude da sua idade?

Parce que o seu amor da ciéncia da natureza é responsável por um desequilíbrio de fato contra as ciéncias de pura espírito.

Se nessas nações se condenar a vida de erudição, é a vida de erudição que se condena.

CARTAS DE OLAVO BILAC

S. Paulo, 17 maio 87.

Meu querido Antônio (1). — Escrevi-me ontem o Antônio Nogueira. Pela carta dele e por uma carta anterior do Dário (2), soube que ai estás na Corte, rijo e animado, livre do medo e livre da molestia. Ora, ainda bem! — Oprimia-me bastante não ter notícias tuas, meu Fligner. Quando vim para o solo dos Iupinambás, andava fambinha por fora, exposto a brutalidade dos Cariris. Fiquei seu saber para onde deveria ir. — Nem me lembrei — Isto a que sou! — de que o honrado mercador Albernaz (na favela do Nogueira) se encarregava de fazer chegar às suas mãos qualquer carta minha. Hoje finalmente posso escrever-te. — S. Paulo é uma bestiga. Isto não vale dois carajós. Ali ruí do Ovidior, Calleau, Sant'Anna e Botafogo! — Receberás que tuas são notícias de minha morte. Não posso viver numas terras assim! — só do frio, garoa, lama, mestiços, separatistas, canudos e Iupinambás. Vingar-me — fechando-me em casa, fazendo versos e decorando o teatro da *Corpus-Christi*. Tenho a cabeca cheia de rimas e de latas. Uma calamidade! — Escreve-me quanto antes para a redação do *Diário Mercantil*. Escreve-me e consola-me, dandome notícias tuas, da Corte e das ambições. — Estás livre de todo perigo, não é assim? Como vai a clínica? Como vão as Unidades? E as melhores boas-novas dão? — Muitas lembranças ao Dário: dir-lhe que qualquer destas diárias hei de escrever-lhe. Já escrevi tipo anterior ao Nogueira e ao Sampaio. A carta deste último segue com a tua para o Albernaz, feia ao seu cuidado entrelaçada. — Adens. Escreve-me. — Abraço-te com muita saudade e o teu amigo velho e encaro. — Olavo Bilac.

S. Paulo, 21 de maio de 87.

Meu Rodrigo. — Confidisco-te e arrependo-me. Que precipitação a minha! Encostei-me as nossas duas caras, com certeza. E' que tardava a tua resposta, como tardava sempre a resposta das pessoas que a gente estimava. Respe, por quem a tua carta que devês ter recebido ontem. Misera carfata! — Amo e sou amado; sou felizes! — dizes. E justamente quando, amado e felizes, vias tu de iluminado e risso, caiu-te em tuas aquela carta funbre, pincando-lhe riscos e escorando soluções. Que triste figura deve ela ter feito no meio da feita das tuas felicidades! Vejo-a daqui, sigo-lhe todos os movimentos: Era um corvo negro e sinistro, de bico curvado e olhos afastados. Cheiou. Entrou por uma janela. Havia um som confuso de misticas e vozes. Falavam. Ela. Atordou-a o rumor, ficou a um canto, encolhida e estriada, com o bico abanado e as aias arripitadas por um calafrio de vergonha. Triste, tristíssima figura! Ridículo e chorosa carta! Dá-lhe um pontapé, que é de man agorão deixar um bicho tão feio no meio da sala. Olha, Rodrigo: Há dois responsáveis por toda aquela comédia choradeira: a prosa do Flamber e a estupidez desse tempo de chuva! — Mas, confidir! Confesso-me e arrependo-me! De hoje em diante, os meus caros salões daqui de modo a não esquecer nenhuma: laços de fita vermelha nas asas e guizos de grata no pescoço; qualquer coisa de lúbrica e jovial, como uma página do *Brasil Cubas*. E' a felic! Abraco-te e acredita que tivemos com mais sinceridade te poderia abraçar, estimando com mais ardor a tua felicidade. Que saudade! Que saudade! Que saudade! Escrever-te é brevemente cobrir um negócio importante, em que estão envolvidos o Olavo Bilac, o Flamber (também impossível) e a *Vida Semanária*, e etc., etc., etc.

que o negócio para depois; não estou agora para isso. Leve o diabo a *Vida Semanária* e a vida... pratica! — Soube que o Albertinho se queixa de mim, porque não lhe escrevo. E' uma calamidade. Escrevi-lhe. Fala-lhe tu, Rodrigo. Dize-lhe que a minha carta seguiu daqui com endereço para a *Penitenciária, Nitelor, Ilha dos bodes do Fonseca*. Se ele ainda não a recebeu é porque com certeza o correio é que presente corre entre imbecis e políticos, como um rio podre entre vegetações imundas. Quanto ao futuro... Ora, o futuro é uma história muito comprida: uma carta de barcharel, dols discursos no juri, cinqüenta hemiplícos e um furioso mergulho no poço da Eternidade... — Tencionava eu ir à Corte em julho. Creio que será impossível. Tenho aqui trabalho para todos os minutos. Um inferno! Por falar em trabalho: Receberás por estes dias a *Vida Semanária*. Sabes o que é esse bicho? Uma revista política caca-qui que paga no teu pobre amigo algumas miseráveis dezenas de mil reis mensais para que ele lhe encha de matéria literária cinqüenta páginas de cada número. Vê que é trabalho; vê que é desgraça! Eu, eu que sempre odiei a politização, ver-me obrigado a trabalhar num jornal de políticos! Felizmente, são bons os comandantes: Julio Ribeiro, Teófilo Dias, Castro Lima na parte política, e eu, unicamente eu, na parte literária. Matamente esta necessidade de ganhar dinheiro: não nasci para este triste ofício de literato de *fanfarra*! Ajuda-me tu, Bernardo. Manda-me versos teus, do Alberto, do Bitinho, de todos. Se estiveres com o Manoel Carneiro, pede-lhe alguns contos. Faze-me esse favor, porque não sei mais onde buscar matéria para tanto trabalho... — Como vai o Alberto? Por cartas do A. Silva (4) e do Rodrigo, sei que o malandro está quase bom. Ainda bem. Têm ele saudades de mim? Dádiva. Esse diabo não é capaz de me estimar tanto quanto eu o estimo. Há uma das fias fui... ab! que desgraçada história. Bernardo! quando eu digo que isto é uma terra de bugres... Imagina que estava eu, só, reido de aborrecimento, encapotado, tremulo de frio e de saudade, sentado à mesa de um café, quando cinco sujeitos, estudantes e burros, chegaram-se a mim, cumprimentaram-me em silêncio, sentaram-se, e entraram a falar de poesia e poetas. Estremeci. Encapotado-me ainda mais, escancarei os ouvidos. Pobres poetas! Foi um horror! Contive-me. Daí a pouco cheguei a vez do Alberto. Que descompostura! Dirigi-me ao que falava e chamei-o de caca-qui, destacando as sibilas, com a maior solemnidade. O bruto indignou-se, gritou, insultou-me. Fechei a mão e daí adiante um muro. Foi o primeiro muro que dei em minha vida! Abençoados muros! Separaram-nos. Soube depois que o animal pelo nome de Gregorio Pinto e que é poeta. Misera poesia!... — Vinga-me, fechando-me comigo. Poutou entram aqui. Não sei ser o Theófilo, o Julio, o Gaspar, o Len (5) e alguns outros, inclusive os dois irmãos de D. Adelaide, que são duas pérolas, esta gente é impossível. Que vida, Bernardo, que vida!

Tenho feito versos — que dia-blo havia eu de fazer aqui? Muitos versos, mas quase todos impreitos ainda e precisados de limpa. Em Santos, na formosa casa do poeta Vicente de Carvalho, que me hospedou com toda a gentileza, trabalhei uns versos que te mandarei depois: E' um poema — "Salom" — uma página da *Bíblia*. Na página seguinte. A coleção da "Vila-Lactea" está pronta; tem 45 sonetos. Mandas-me pedir versos. Para que tu não fasses a tua vida dessa mesma maneira. Poderiamos agir.

S. Paulo, 2 de junho de 87.

Meu querido Bernardo (2). — Expansão-te o meu longo silêncio? Não o leves à conta de ingratidão e preguiça. Estive por fora, distraído as saudades, as muitas saudades que me torturam. Cheguei ontem de Santos, onde passei 7 dias tranquilos, contemplando o mar e visitando as preciosas e arqueológicas paragens de B. Vicente — a vila mais velha do Brasil. Como com Santos se parece Nitelor! Ha em S. Vicente um lugar que é a fotografia viva e palpável da Enseada (3): a mesma estrada lomacada e tortuosa, a mesma disposição de casas, tudo: passei por lá e acreditei por um momento que lá é tua casa. E' que a lembrança tua é das tuas a minha intranquila e constante, meu Bernardo! Cheguei ontem. Faz-

me bem a viagem; voltei mais alegre. Em Santos na noite, há céu azul, estrelas a mar, e onde há isso há também inspiração e risso. Estou outra vez triste: garoa e frio, frio e garoa; nem uma estrela há neste céu de S. Paulo!... Dizes que tens saudades. Não sabes o que é ter saudades! Entilo de mim que te dirá? Vivo do passado, das recordações e das saudades, porque o presente corre entre imbecis e políticos, como um rio podre entre vegetações imundas. Quanto ao futuro... Ora, o futuro é uma história muito comprida: uma carta de barcharel, dols discursos no juri, cinqüenta hemiplícos e um furioso mergulho no poço da Eternidade... — Tencionava eu ir à Corte em julho. Creio que será impossível. Tenho aqui trabalho para todos os minutos. Um inferno! Por falar em trabalho: Receberás por estes dias a *Vida Semanária*. Sabes o que é esse bicho? Uma revista política caca-qui que paga no teu pobre amigo algumas miseráveis dezenas de mil reis mensais para que ele lhe encha de matéria literária cinqüenta páginas de cada número. Vê que é trabalho; vê que é desgraça! Eu, eu que sempre odiei a politização, ver-me obrigado a trabalhar num jornal de políticos! Felizmente, são bons os comandantes: Julio Ribeiro, Teófilo Dias, Castro Lima na parte política, e eu, unicamente eu, na parte literária. Matamente esta necessidade de ganhar dinheiro: não nasci para este triste ofício de literato de *fanfarra*! Ajuda-me tu, Bernardo. Manda-me versos teus, do Alberto, do Bitinho, de todos. Se estiveres com o Manoel Carneiro, pede-lhe alguns contos. Faze-me esse favor, porque não sei mais onde buscar matéria para tanto trabalho... — Como vai o Alberto? Por cartas do A. Silva (4) e do Rodrigo, sei que o malandro está quase bom. Ainda bem. Têm ele saudades de mim? Dádiva. Esse diabo não é capaz de me estimar tanto quanto eu o estimo. Há uma das fias fui... ab! que desgraçada história. Bernardo! quando eu digo que isto é uma terra de bugres... Imagina que estava eu, só, reido de aborrecimento, encapotado, tremulo de frio e de saudade, sentado à mesa de um café, quando cinco sujeitos, estudantes e burros, chegaram-se a mim, cumprimentaram-me em silêncio, sentaram-se, e entraram a falar de poesia e poetas. Estremeci. Encapotado-me ainda mais, escancarei os ouvidos. Pobres poetas! Foi um horror! Contive-me. Daí a pouco cheguei a vez do Alberto. Que descompostura! Dirigi-me ao que falava e chamei-o de caca-qui, destacando as sibilas, com a maior solemnidade. O bruto indignou-se, gritou, insultou-me. Fechei a mão e daí adiante um muro. Foi o primeiro muro que dei em minha vida! Abençoados muros! Separaram-nos. Soube depois que o animal pelo nome de Gregorio Pinto e que é poeta. Misera poesia!... — Vinga-me, fechando-me comigo. Poutou entram aqui. Não sei ser o Theófilo, o Julio, o Gaspar, o Len (5) e alguns outros, inclusive os dois irmãos de D. Adelaide, que são duas pérolas, esta gente é impossível. Que vida, Bernardo, que vida!

Tenho feito versos — que dia-blo havia eu de fazer aqui? Muitos versos, mas quase todos impreitos ainda e precisados de limpa. Em Santos, na formosa casa do poeta Vicente de Carvalho, que me hospedou com toda a gentileza, trabalhei uns versos que te mandarei depois: E' um poema — "Salom" — uma página da *Bíblia*. Na página seguinte. A coleção da "Vila-Lactea" está pronta; tem 45 sonetos. Mandas-me pedir versos. Para que tu não fasses a tua vida dessa mesma maneira. Poderiamos agir.

que saudade! Que saudade! Que saudade! Escrever-te é brevemente cobrir um negócio importante, em que estão envolvidos o Olavo Bilac, o Flamber (também impossível) e a *Vida Semanária*, e etc., etc., etc.

ano em S. Paulo exames de preparatórios. Ele que trate assim que ficar bom, de os levar ao Rio. Vou escrever aí para dentro ao Cucula, ao Quincas, e ao Saturno (6); devo ir todos os três. Recomenda-me muito, multissimo a todos a tua caridade. Família: diz a todos que não se esqueçam nunca deste velho destruído que morre de frio e de saudade. Muitas lembranças aos nossos amigos e amigos de Niterói. Adas, meu Bernardo. Alinda uma vez saudades, saudades, milhões de saudades a todos os teus, mora com toda a força dos braços de Hércules o seu Olavo Bilac.

(1) Dr. Antônio Fernandes, psiquiatra, falecido em 1928. Fazia colégio de *Medicina* da Faculdade de Medicina do Rio, ele também, tendo publicado livros de versos: *Adjus*, *Montanha e Vale*. Últimos poemas: *A Bilac dedicou ele lindas palavras de saudade no hino *Nostalgia**.

(2) — Observando esta carta, a *Vila-Lactea* e o *Coronel* de Bernardo, escrevo o seguinte:

(3) — *Continuação da pág. 233)*

grandeza desse mundo e abastecimento de as costas. O Michel, acredita, dá-nos a saúde, a satisfação, como diz o Juncalino. Mariana, pois, comprar algumas das suas obras como *O mar*, *As montanhas*, *O amor*, *A maternidade*, etc. Em todos esses livros, virá a falar de um auctor que é a natureza deserta cuja diva ser, Ali lera ciência e poesia.

Queres poetas? Tens aqui o Junqueiro, o João de Deus, o Gonçalves Crespo, etc. Todos estes são poetas modernos. Tudo o que de Deus, dando uma nova fisionomia à poesia da Canção, é delicioso; Gonçalves Crespo, seguindo as pisadas de seu parente, o poeta-herdeiro de França, como Theodore de Banville, François Coppée, Stéphane Mallarmé, etc., é tão bom quanto ele, e é um dos maiores modelos da poesia burlada com a perfeição de um artista. Querida Juqueria, enfim, o primeiro que trouxe por terra as piqueniques sentimentais dos românticos, na *Morte de D. João* e na *Maria em ferias*, por vezes, um auctor, como Victor Hugo, já os leste, de certo, e ficas porventura o maior poeta brasileiro (só se o Castro Alves, o autor das *Exposições Flutuantes*, Credo bem que sim). Foi de parte do Casimiro de Abreu, que, embora um bom poeta, não nos dá consolação, nem vigor; daí os apêndices desmentidos e literários.

Queres romances? Não leias os Ponson, os Dumas, os Montépin; le os Daudet, os Goncourt, e, entre os, le o *Eça de Queiroz*, que, não sei se é sube, e o escritor mais considerável de Portugal e Brasil.

O Alexandre Dumas (7) não tem romances que instruem, que nos mestre a sociabilidade tal que ele é, o que não sucide com os outros apontados, que são os grandes homens da literatura norteamericana, os grandes escultores da alma humana.

Li o que te digo e verás como na fina de alguma noite tu tens o espírito limpo, sôbrio, empreendedor e cheio de forças.

Ei não teve quem me avisasse, de dia, de noite, para publicar minhas paixões que morre de saudade.

(4) — *Continuação da pág. 233)*

—